

o império otomano e a conquista da europa

gábor ágoston

Tradução de José Remelhe

Para o Márk e o Zoltán



ÍNDICE



| | | |
|----------|---------------------------------------------------------------------------------|----|
| | <i>Nota sobre as Convenções</i> | 13 |
| | <i>Prólogo</i> | 17 |
| | PARTE I. EMERGÊNCIA | 29 |
| 1 | OS PRIMEIROS OTOMANOS | 31 |
| | <i>Turcos e o Mundo Bizantino</i> | 31 |
| | <i>Guerras Santas e Fronteiros</i> | 33 |
| | <i>Contingência Histórica e Acidentes</i> | 37 |
| | <i>Recompensas Materiais e Legitimação Religiosa</i> | 39 |
| | <i>Geopolítica dos Balcãs</i> | 41 |
| | <i>As Cruzadas de Nicópolis</i> | 45 |
| 2 | DERROTA E RECUPERAÇÃO | 47 |
| | <i>Timur e a Derrota em Ancara</i> | 47 |
| | <i>Pilares do Poder: Timares e Sanjacos</i> | 51 |
| | <i>Pilares do Poder: o Recrutamento de Crianças e o Exército Permanente</i> | 53 |
| | <i>Estratégias de Conquista</i> | 57 |
| | <i>Travar o Avanço Otomano: Estados-Tampão do Rei Sigismundo</i> | 63 |
| | <i>Defesa da Fronteira do Danúbio</i> | 70 |
| | <i>A Rivalidade Habsburgo-Jaguelônica</i> | 72 |
| | <i>A Última Cruzada Ofensiva da Europa: Varna 1444</i> | 74 |
| | <i>Arcos, Armas de Fogo e Aculturação Militar</i> | 77 |
| 3 | CONSTANTINOPLA | 81 |
| | <i>A Conquista de Constantinopla</i> | 81 |
| | <i>Reclamar Soberania Universal</i> | 86 |
| | <i>Uma Nova Capital do Império</i> | 88 |

| | | |
|----------|------------------------------------------------------------------|-----|
| | <i>Um Novo Quadro de Vizires</i> | 90 |
| | <i>Controlar as Forças Armadas</i> | 95 |
| | <i>Um Novo Palácio e o Conselho Imperial</i> | 97 |
| | <i>Constantinopla Otomana e a Europa</i> | 100 |
| 4 | CONQUISTAS | 109 |
| | <i>Belgrado 1456: Cruzada Europeia — Derrota Otomana</i> | 109 |
| | <i>Manipular o Conflito Interno: da Moreia à Crimeia</i> | 112 |
| | <i>Ameaça Otomana e a Rivalidade Dinástica na Europa Central</i> | 117 |
| | <i>Desafio do Oriente: Akkoyunlus e Safávidas</i> | 123 |
| | <i>A Conquista do Sultanato Mameluco</i> | 132 |
| | <i>Oportunidade Perdida: o Oceano Índico</i> | 135 |
| | <i>Reações da Europa e Preparativos Navais Otomanos</i> | 140 |
| | <i>Mudar o Equilíbrio do Poder ao Longo do Danúbio</i> | 145 |
| | PARTE II. CHOQUE DE IMPÉRIOS | 151 |
| 5 | SOLIMÃO NA HUNGRIA | 153 |
| | <i>Solimão e o Colapso da Defesa do Danúbio</i> | 153 |
| | <i>Mohács: 1526</i> | 160 |
| | <i>A «Maior Vitória»?</i> | 168 |
| | <i>Subidas ao Trono Contestadas</i> | 170 |
| | <i>Controlo de Danos</i> | 177 |
| 6 | RIVALIDADES IMPERIAIS | 185 |
| | <i>Rivalidade entre Otomanos e Habsburgo</i> | 185 |
| | <i>A Busca pela Realeza Universal</i> | 193 |
| | <i>Realpolitik e a Divisão da Hungria</i> | 196 |
| | <i>Luta pela Supremacia Entre Otomanos e Safávidas</i> | 206 |
| | <i>Problemas na Transilvânia</i> | 210 |
| | <i>Morte em Szigetvár</i> | 217 |
| 7 | IR ALÉM | 221 |
| | <i>O Mar Vermelho e o Oceano Índico</i> | 221 |
| | <i>Moscóvia e os Otomanos</i> | 227 |
| | <i>Chipre e a Batalha de Lepanto</i> | 231 |
| | <i>Depois de Lepanto</i> | 234 |

| | | |
|--------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------|-----|
| | <i>Pequenos Conflitos: a Fronteira da Bósnia com a Croácia</i> | 237 |
| | <i>A Longa Guerra na Hungria</i> | 240 |
| | <i>Derrota e Consolidação: a Fronteira Safávida</i> | 247 |
| PARTE III. SUSTENTÁCULOS DO IMPÉRIO | | 251 |
| 8 | RECURSOS E PODER MILITAR | 253 |
| | <i>Mapear Impérios, Fronteiras e Recursos</i> | 254 |
| | <i>O Exército Otomano</i> | 262 |
| | <i>Poderio Naval Otomano</i> | 270 |
| | <i>A Revolução da Pólvora e os Otomanos</i> | 274 |
| | <i>Compromissos Militares dos Habsburgo e Defesa das Fronteiras</i> | 283 |
| 9 | TRANSFORMAÇÕES MILITARES | 291 |
| | <i>Transformação Militar dos Habsburgo</i> | 291 |
| | <i>Financiamento de Guerra dos Habsburgo e os Estados</i> | 294 |
| | <i>Crescimento do Exército Otomano</i> | 300 |
| | <i>A Metamorfose dos Janízaros</i> | 305 |
| | <i>Forças de Província e a Ascensão dos Kapu Halkı</i> | 308 |
| | <i>Financiamento Bélico Otomano</i> | 311 |
| 10 | LAWFARE E DIPLOMACIA | 317 |
| | <i>Títulos Concorrentes e Pretensões de Soberania</i> | 317 |
| | <i>Instrumentos de Lawfare Otomano: Tréguas e Tratados de Paz</i> | 321 |
| | <i>Das Tréguas a Curto Prazo à Paz Permanente</i> | 325 |
| | <i>Embaixadas Ad Hoc e Embaixadores Residentes</i> | 330 |
| | <i>Língua e Diplomacia</i> | 338 |
| 11 | EMBAIXADAS, DRAGOMANOS E SERVIÇOS SECRETOS | 345 |
| | <i>Embaixadas Europeias como Centros</i> | |
| | <i>de Espionagem em Constantinopla</i> | 345 |
| | <i>Dragomanos de Embaixadas e Serviços Secretos</i> | 354 |
| | <i>Dragomanos da Porta e Serviços Secretos</i> | 361 |
| | <i>Agentes de Muitos Senhores</i> | 366 |
| | <i>Recolha de Informações pelos Otomanos</i> | 369 |
| | <i>Serviços Secretos nas Fronteiras</i> | 372 |

| | | |
|---------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------|-----|
| PARTE IV. FRONTEIRAS E GUERRAS DE EXAUSTÃO | 381 | |
| 12 | FRONTEIRAS E PROVÍNCIAS FRONTEIRIÇAS | 383 |
| | <i>Levantamentos e Soberania</i> | 383 |
| | <i>Demarcações Fronteiriças</i> | 387 |
| | <i>Geografia e Defesa de Fronteiras</i> | 395 |
| | <i>Províncias Fronteiriças e Estratégias Administrativas</i> | 399 |
| 13 | BALUARTE CONTESTADO DO ISLÃO | 404 |
| | <i>Fortificações e Guarnições</i> | 404 |
| | <i>Guardiões da Fronteira</i> | 414 |
| | <i>O Custo da Defesa</i> | 419 |
| | <i>Domínio Partilhado e a Geografia da Soberania</i> | 425 |
| 14 | GUERRAS DE EXAUSTÃO | 431 |
| | <i>Guerra com Veneza: Dalmácia e Creta</i> | 431 |
| | <i>Transilvânia e os Seus Príncipes Rebeldes</i> | 436 |
| | <i>Disciplinar Vassalos e Estabilizar a Fronteira do Norte</i> | 442 |
| | <i>Guerras entre Habsburgo e Otomanos</i> | 448 |
| | <i>As Últimas Conquistas: Candia e Kamieniec</i> | 454 |
| | <i>O Cerco Otomano a Viena</i> | 457 |
| | <i>Guerras Contra a Santa Liga</i> | 461 |
| | | |
| | Epílogo | 475 |
| | Agradecimentos | 483 |
| | Cronologia | 489 |
| | Glossário de Termos | 499 |
| | Glossário de Nomes de Lugares | 503 |
| | Notas | 507 |
| | Bibliografia | 553 |

NOTA SOBRE AS CONVENÇÕES



É IMPOSSÍVEL CHEGAR A ACORDO QUANTO A TERMOS, NOMES DE PESSOAS E de lugares associados a uma região tão vasta outrora dominada pelos Otomanos e os seus rivais Habsburgo. As pessoas dessas terras falavam muitas línguas, incluindo turco, grego, arménio, curdo, árabe, persa, búlgaro, sérvio, croata, romeno, húngaro, eslovaco, polaco, ucraniano, alemão, italiano e latim. Utilizaram nomes diferentes para os mesmos locais. Para os termos otomanos, que eram redigidos em caligrafia árabe, optei pelo sistema de transliteração turco moderno pós-1928 que utiliza o cursivo latino. Termos e nomes desconhecidos serão um desafio para muitos leitores. Tentei minimizar esse desafio utilizando formas portuguesas aceites de termos turcos e árabes sempre que possível. Visto que estes termos estrangeiros entraram para a língua portuguesa, não são redigidos em itálico. Optei pelas formas turcas modernas de *bei* (*beyi*) em palavras compostas, tais como *sancakbeyi* e *beylerbeyi*, que significam «governador de distrito» e «governador de província». Para simplificar, não indico vogais alongadas, a não ser quando é fundamental para evitar a confusão — por exemplo, para distinguir Âli, que significa «exaltado» ou «sublime», do nome comum Ali. De uma forma geral, não utilizo o «i» maiúsculo turco com ponto (İ) para nomes de lugares e nomes de pessoas que entraram para o português (Istanbul, Izmir, Ismail), enquanto nomes menos conhecidos são indicados na sua ortografia turca. No caso de nomes sérvios e búlgaros, escritos em cirílico, utilizo a ortografia croata em vez dos sistemas de transliteração académicos mais complexos. Para ajudar os leitores que falam português, aporuguesei os primeiros nomes de figuras históricas (João Corvino em vez de János Hunyadi e Jorge Branković em vez de Đurađ/Djuradj Branković), indicando o nome próprio original quando este surge pela primeira vez na obra. No Reino da Hungria e na monarquia Habsburgo, muitas famílias aristocratas e nobres eram multilingues e utilizavam várias formas para os nomes. Eu optei pelo mais comum utilizado nas fontes e na literatura que conheço.

Os nomes de lugares são geralmente transcritos de acordo com as respectivas formas modernas, com as seguintes exceções. Nomes de lugares sérvios e búlgaros são transliterados de acordo com a ortografia croata. Quando existem formas portuguesas estabelecidas, estas são privilegiadas. No caso de nomes de lugares no Reino da Hungria situados desde o fim da 1.^a Guerra Mundial na Roménia e na Eslováquia, são privilegiadas as formas de nomes húngaros, visto que as formas de nomes eslovacos ou romenos constituiriam um anacronismo. Pelo mesmo motivo e para simplificar, utilizo as formas de nomes polacos para nomes de lugares que pertenceram à Comunidade Polaco-Lituana — assim, Kamieniec Podolski, ao invés do respetivo nome ucraniano, que tem demasiadas transliteraões (Kamianets Podilsky, Kamjanec' Podil'skyj, Kam'yanets' Podil'skyy, Kamenets Podil'skiy). No final da obra, um glossário de nomes de lugares discrimina as várias formas de nomes de lugares aludidos com frequência.

Ao longo da obra, utilizo os nomes Constantinopla e Istambul de forma indiscriminada. Ao fazê-lo, pretendo dissipar uma ideia errada comum de que os Otomanos rebatizaram a capital bizantina de Constantinopla como Istambul após a sua conquista em 1453. Na realidade, os Otomanos chamaram à sua nova capital Kostantiniyye (de acordo com a forma do nome árabe de Constantinopla) nas moedas e em documentos oficiais até ao fim do império, especialmente quando se referiam à corte, onde os documentos oficiais eram emitidos. Ao mesmo tempo, Istambul (deformação da frase grega «para a cidade») também foi utilizada em documentos oficiais e pelas pessoas comuns.



O IMPÉRIO OTOMANO

e a Conquista da Europa

PRÓLOGO



«OU CONQUISTO ESTA CIDADE OU A CIDADE CONQUISTA-ME A MIM, MORTO ou vivo», anunciou o sultão otomano Maomé II ao imperador bizantino Konstantin XI antes do último assalto a Constantinopla (atualmente Istambul). A 29 de maio de 1453, a capital do Império Romano do Oriente ou Império Bizantino caiu nas mãos de Maomé, que é recordado como Fatih ou o Conquistador. Três gerações mais tarde, a 29 de agosto de 1526, na batalha de Mohács, no sudoeste da Hungria, o bisneto de Maomé, Solimão I, dizimou o exército do Reino da Hungria, que travara os avanços otomanos na Europa durante mais de 150 anos. Três anos mais tarde, em 1529, Solimão estava às portas de Viena. O cerco fracassou, mas os Otomanos governariam a Hungria central durante 150 anos a partir de Buda (moderna Budapeste), a apenas 250 quilómetros de Viena.

Desde Voltaire e Edward Gibbon, muitos historiadores consideraram a queda do Império Bizantino às mãos dos Turcos otomanos em 1453 um ponto decisivo da história europeia e mundial que assinalou o início da era moderna. Alguns consideraram que o subsequente êxodo de académicos gregos para Itália e o controlo otomano das rotas comerciais entre a Ásia e a Europa foram um estímulo para a Renascença e explorações geográficas europeias. Embora a medida em que os Otomanos influenciaram a Renascença e as explorações europeias continue a ser alvo de controvérsia, os efeitos da conquista na geopolítica europeia são inequívocos e manifestos. A posse de Constantinopla permitiu aos Otomanos cimentar o seu domínio no sudeste europeu, Ásia Menor, Mediterrâneo e litoral do Mar Negro, bem como formar o império contíguo mais poderoso desde a Roma antiga.

As consequências da batalha de Mohács foram igualmente profundas. Depois da morte em batalha do jovem rei Luís II da Hungria, o arquiduque Fernando de Habsburgo conquistou os tronos da Hungria e da Boémia, há muito cobiçados. Em conjunto com a Áustria, os dois reinos passaram a integrar a monarquia danubiana da dinastia dos Habsburgo na Europa central.

Com a Coroa Sagrada de Santo Estêvão da Hungria, os Habsburgo herdaram do Reino da Hungria medieval o fardo de defender a Europa cristã dos Otomanos muçulmanos. A Hungria tornou-se o principal campo de batalha continental entre os Otomanos e os Habsburgo. A outra fronteira era o Mediterrâneo, onde os Otomanos defrontaram o irmão de Fernando, Carlos de Espanha, imperador do Sacro Império Romano-Germânico. Tratou-se de uma dramática reviravolta, já que os avós de Carlos (Isabel, *a Católica*, rainha de Castela, e Fernando, *o Católico*, rei de Aragão) tinham conquistado o último Estado muçulmano da Península Ibérica, o reino de Granada, completando a Reconquista em 1492. A obra *O Império Otomano e a Conquista da Europa* narra a emergência do Império Otomano e a épica rivalidade entre os Otomanos muçulmanos e os Habsburgo católicos.

Os Turcos otomanos emergiram em finais do século XIII no Noroeste da Ásia Menor, a que os Turcos, os Persas e os Árabes chamavam Rum (Roma), a terra do Império Romano Oriental. Indo buscar o seu nome ao seu epónimo fundador, Osmã I (falecido a 1324), o pequeno principado otomano era apenas mais uma entre as muitas chefarias que os seminómadas túrquicos e muçulmanos de origem da Ásia Central estabeleceram na Ásia Menor. O regime otomano foi governado ao longo da sua existência pela Casa de Osmã, descendentes de Osmã. Enquanto os europeus os encaravam como um império turco, os seguidores de Osmã autoapelidavam-se *Osmanlı* em turco — que, em português, pode ser traduzido por otomano. Os Otomanos chamavam ao seu regime os Reinos da Casa de Osmã (*memalik-i Osmaniye*), destacando a importância da dinastia de Osmã (*âl-i Osman*). Do mesmo modo, cronistas otomanos denominaram as suas histórias «Anais da Casa de Osmã» (*Tevarih-i Âl-i Osman*), enquanto compilações de leis promulgadas em nome do regente se intitulavam «Leis/Código Legal da Casa de Osmã» (*Kavanin/Kanunname-i Âl-i Osman*). O império dinástico criado pelos sucessores de Osmã era multiétnico e multiconfessional. Foi o império do género mais duradouro da Eurásia, tendo colapsado durante a 1.ª Guerra Mundial, juntamente com os seus rivais de longa data, os impérios igualmente multiétnicos das Casas dos Habsburgo e dos Romanov, os impérios austro-húngaro e russo, respetivamente.

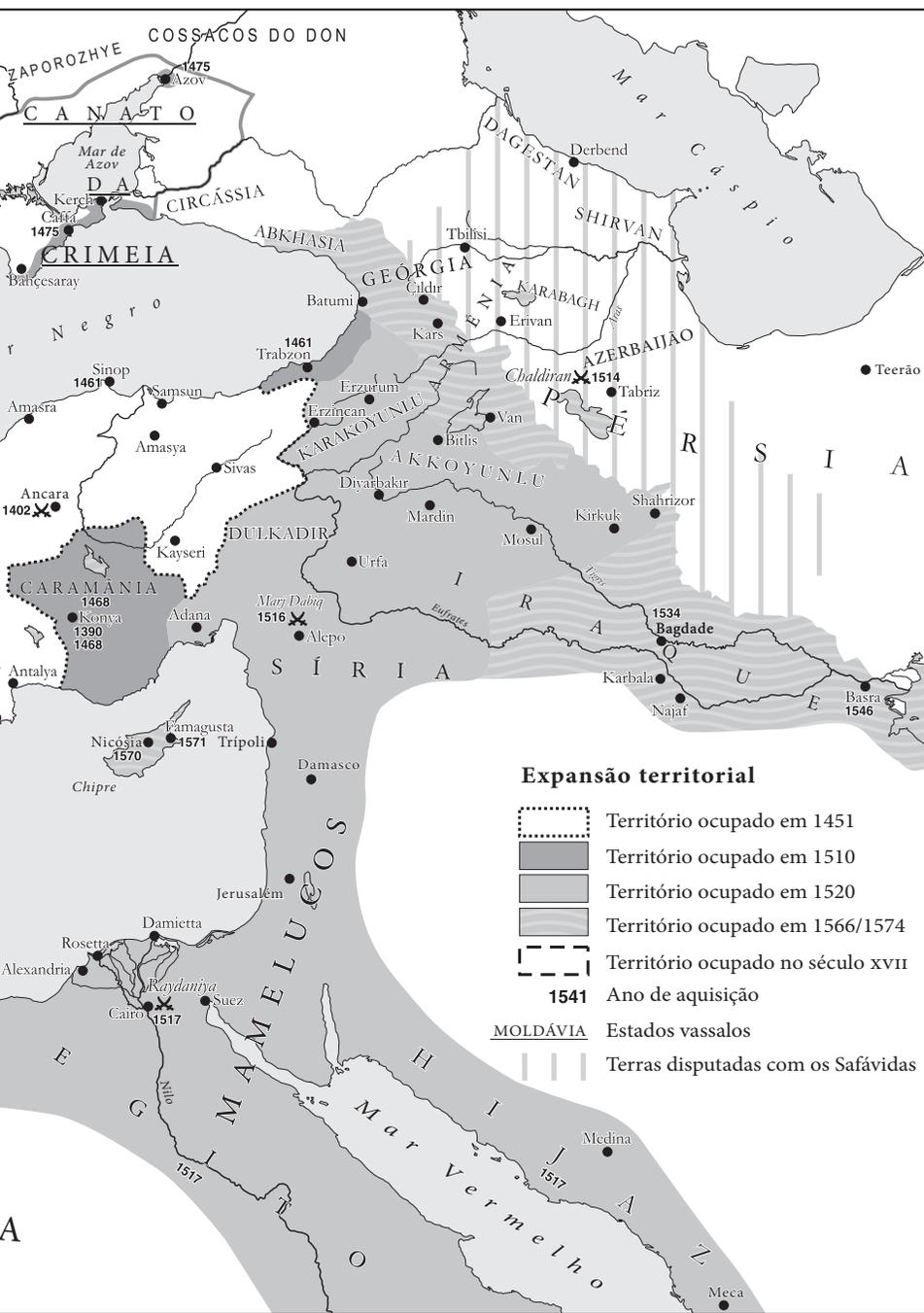
A dinastia otomana e a elite governante permaneceram distintamente muçulmanas. Porém, durante séculos, realizaram-se matrimónios de governantes entre linhagens étnicas, e a elite governante e a burocracia incorporaram recentes convertidos ao Islão no centro do poder e nas províncias. Os súbditos do império falavam dezenas de línguas. Veneravam segundo os ensinamentos do Islão sunita e xiita, várias igrejas cristãs e o judaísmo, para

mencionar apenas as comunidades religiosas mais importantes. Governar uma população tão diversa exigia flexibilidade, negociação e adaptabilidade aos costumes locais em termos de governação. Como é demonstrado nesta obra, as estratégias otomanas de conquista e incorporação foram além do simples poderio militar, que foi muitas vezes apontado como único fator na literatura generalista para explicar a «ascensão» otomana. O pragmatismo eclético que incorporava as tradições e instituições turco-mongóis, bizantino-eslavas, persas e árabes caracterizou a governação otomana desde as suas primeiras conquistas no século XIV. A adaptabilidade estratégica e a negociação continuaram a ser um traço distintivo da governação otomana ao longo do período abordado neste livro.

Depois da conquista de Constantinopla, Maomé II dominou os emirados turco-muçulmanos na Ásia Menor e os Estados eslavos cristãos da Bulgária, Sérvia e Bósnia. Os sucessores de Maomé ampliaram a governação otomana à Hungria, a norte, ao Iémen, a sul, à Argélia, a oeste, e ao Iraque, a este. No seu apogeu no século XVI, o Império Otomano era um dos mais formidáveis e mais bem administrados em termos burocráticos, com impacto na vida de milhões de pessoas espalhadas por três continentes. Os Otomanos eram também um interveniente crucial nas políticas de poder europeias. Eram uma ameaça militar constante aos seus vizinhos venezianos, húngaros, polaco-lituanos, espanhóis e Habsburgo austríacos, sitiando, ainda que sem sucesso, a capital destes últimos, Viena, por duas vezes, em 1529 e 1683.

Em finais do século XVII, uma coligação internacional do papado, integrando a monarquia dos Habsburgo, a Comunidade Polaco-Lituana, Veneza e Moscúvia, conquistou a maioria dos domínios otomanos a norte do rio Danúbio. No século XVIII, o poderio militar otomano continuou em declínio em relação à monarquia Habsburgo e à Rússia dos Romanov. O destino do Império Otomano (a sua possível divisão pelos «grandes poderes» europeus ou entre os Estados-Nações emergentes) tornou-se uma das questões mais prementes da política europeia, à época conhecida por a «questão oriental». Porém, os Otomanos mantiveram o domínio sobre grande parte da Península Balcânica e do Médio Oriente até 1878 e à 1.ª Guerra Mundial, respetivamente. Trata-se de um feito formidável, mesmo considerando que o controlo otomano sobre províncias afastadas da capital, nos séculos XVIII e XIX, amiúde, era nominal.

O livro *O Império Otomano e a Conquista da Europa* dá o seu contributo para quatro histórias primordiais. Em primeiro lugar, os capítulos da Parte 1, «Emergência», examinam como o pequeno principado de Osmã se tinha, em inícios do século XVI, transformado no império mais poderoso da região ao conquistar e assimilar os regimes vizinhos. Estes capítulos ilustram



como a conquista otomana moldou a história europeia, em especial a do sudeste e do centro da Europa, os principais palcos da expansão otomana. Em segundo lugar, os capítulos da Parte 2, «Choque de Impérios», examinam o emaranhado das políticas otomanas e europeias no contexto da competição entre Otomanos e Habsburgo, uma das rivalidades imperiais determinantes da época. Estes capítulos demonstram o impacto desta rivalidade nas decisões políticas e na diplomacia europeias e otomanas. Em terceiro lugar, os capítulos da Parte 3, «Sustentáculos do Império», examinam as mudanças militares e o *soft power* dos Otomanos e dos seus rivais na região. Por fim, dois capítulos na Parte 4, «Fronteiras e Guerras de Exaustão», e segmentos de outros capítulos examinam a história das províncias fronteiriças danubianas. Foi aqui que o Império Otomano e a monarquia Habsburgo aplicaram o seu poderio militar, resultando na maior concentração de fortificações e guarnições militares de ambos os lados da cisão muçulmana-cristã. Esta zona limítrofe contestada é analisada de várias perspetivas, incluindo compromissos militares dos Habsburgo e Otomanos, estratégias administrativas e o recurso à diplomacia e recolha de informações.

Quando imaginei este projeto há cerca de dez anos, era suposto os capítulos da Parte 1 serem uma introdução muito mais breve ao livro, cujo principal foco incidiria sobre o poder otomano e Habsburgo e as suas zonas limítrofes contestadas. Porém, não tardei a perceber que, para compreender como a rivalidade imperial entre Otomanos e Habsburgo se desvendava, primeiro teria de examinar como a conquista otomana no sudeste e no centro da Europa moldou o Império Otomano e afetou a emergência da monarquia danubiana dos Habsburgo. O meu objetivo era explorar a conquista otomana como uma parte integral da história europeia pondo a debate as respetivas fontes e historiografias especializadas. Estes capítulos são uma narrativa resumida da emergência do Império Otomano no seu contexto europeu.

No nosso século XXI globalizado, muitas vezes enfatizamos o multiculturalismo, contextos com várias etnias e religiões, intercâmbio cultural e histórias interligadas. Esta abordagem é uma correção bem-vinda aos estudos anteriores que privilegiaram os antagonismos religiosos. Todavia, a emergência dos otomanos revela a incessante importância da religião. Apesar de os otomanos emergirem num meio multirreligioso, o Islão e a guerra santa (denominada *ghaza* pelos Otomanos) representaram um papel útil na mobilização de apoio para a causa otomana. *Ghaza* tornou-se uma parte cada vez mais importante da criação da lealdade e legitimação dinástica otomana. Este aspeto é especialmente verdadeiro a partir de meados do século XIV, quando os Otomanos travaram guerras com os Búlgaros, Sérvios, Húngaros

e cruzados da Europa central e ocidental. O uso da religião para legitimação não foi apanágio exclusivo dos Otomanos. Os vizinhos muçulmanos dos Otomanos também aplicaram estratégias de legitimação religiosa semelhantes. Entre os exemplos pode-se citar a Confederação Akkoyunlu Sunita do Turquemenistão de Uzun Hasan, os Mamelucos da Síria e do Egito, os Uzbeques *shaybanid* da Ásia Central, e os Safávidas xiitas da Pérsia. Contudo, visto que os Otomanos combateram os seus vizinhos cristãos na Europa durante séculos, podiam alegar ser os verdadeiros *ghazis*, combatentes em nome de Deus (*mujahid*) e defensores do Islão.

Juntamente com a ideologia da guerra santa, a contingência histórica e as estratégias de conquista e incorporação otomanas a mais longo prazo (enlaces matrimoniais dinásticos, colonatos forçados e cooptação das elites derrotadas no estabelecimento militar e burocrático otomano) foram importantes fatores que contribuíram para a emergência da Casa de Osmã. De entre as contingências históricas utilizo as guerras civis bizantinas, a meio do século XIV, para ilustrar como as políticas dos imperadores Andrónico III e João VI Cantacuzeno, de solicitar ajuda militar aos emires turcos vizinhos de Saruhan, Aydın e Ottoman, potenciaram oportunidades para estes últimos alargarem a sua influência a domínios bizantinos. A aliança entre Cantacuzeno e Orhan, filho de Osmã e segundo regente otomano (que casou com a filha de Cantacuzeno, Teodora), é especialmente ilustrativa. Isto demonstra que os Otomanos (ao contrário dos seus vizinhos Turcos, que se contentavam com os despojos de guerra) se serviram destas alianças temporárias para ocupar posições estratégicas e conquistar território. Estas alianças criaram um padrão. Mais tarde, os Otomanos exploraram com virtuosismo as guerras civis dos vizinhos, tal como é demonstrado pelas conquistas da Sérvia e da Moreia (o Peloponeso).

Não obstante alianças temporárias com os seus vizinhos muçulmanos e Turcos, os imperadores bizantinos estavam ocupados a organizar cruzadas contra os Otomanos e, amiúde, tiravam proveito de perturbações nacionais e guerras civis nos domínios otomanos. Pediram ajuda militar ao papado e aos monarcas católicos da Europa. O seu clero e elite política estavam dispostos a aceitar a união das igrejas ortodoxa e latina em troca de ajuda militar ocidental contra os «Turcos», referenciados nas crónicas bizantinas como os «inimigos naturais» de Bizâncio e do cristianismo. Consoante os Otomanos chegaram às fronteiras do Reino da Hungria medieval, os monarcas húngaros autoapelidaram-se «Defensores de Cristo» (*athleta Christi*) — como foi o caso do rei Luís I da Hungria e da Polónia, o primeiro rei a ter de enfrentar incursões otomanas nos seus domínios. Os seus sucessores assumiram os

títulos de «protetores e baluartes» (*scutum atque murus*) do cristianismo. Em 1396, Sigismundo de Luxemburgo liderou as Cruzadas de Nicópolis e criou o primeiro sistema de defesa eficaz contra os Otomanos ao longo das fronteiras danubianas no sul da Hungria (conforme se descreve nos capítulos 1 e 2). Sob a ameaça das conquistas otomanas, estadistas e intelectuais da Hungria, Croácia e Polónia formularam a sua autoimagem como «bastião do cristianismo» (*antemurale, propugnaculum Christianitatis*) contra o novo «outro» religioso, o «turco infiel» (*infideles turcos*). As imagens do «eu» e do «outro» turco foram então disseminadas através de propaganda política, influenciando a perceção sobre os Turcos e os muçulmanos até aos dias de hoje.

Os detalhes que figuram do livro podem pôr a paciência do leitor à prova, mas são necessários se quisermos ir além das generalizações superficiais. Narrativas pormenorizadas dão protagonismo a intervenientes menos conhecidos. As histórias tradicionais do Império Otomano (baseadas em cronistas da corte otomana) privilegiaram os regentes da dinastia como os intervenientes mais importantes da História otomana. Os primeiros dez sultões sem dúvida trouxeram estabilidade e moldaram o regime otomano a longo prazo: seis sultões governaram entre 26 e 37 anos, e Solimão governou durante 46. Contudo, outros intervenientes também desempenharam importantes papéis. Fronteiros e seus corsários, vizires, conselheiros, governadores de província, soldados, fiscais de contas, cobradores de impostos, intérpretes e espões moldaram as políticas otomanas, tal como os seus homólogos do Império Bizantino, e as políticas da Europa sudeste e central.

Faço alusão a cercos e batalhas otomanos escolhidos para demonstrar como estes subjugarão os seus rivais com recurso ao poderio militar e competências diplomáticas. De uma forma geral, os historiadores, com o benefício da retrospeção, destacam habitualmente guerras e cercos que consideram ser decisivos na formação da História. Poucas batalhas nos inícios da era moderna moldaram a geopolítica tão profundamente como a conquista otomana de Constantinopla (1453) e as vitórias otomanas no campo de batalha em Chaldiran (1514), Marj Dabiq (1516), Raydaniyya (1517) e Mohács (1526). A conquista de Constantinopla assinalou o fim do Império Bizantino. Reconfigurou o equilíbrio de poder no Mediterrâneo e no litoral do Mar Negro. Além disso, habilitou o sultão Maomé II a transformar o emergente regime otomano num império patrimonial mais centralizado. A batalha de Chaldiran assegurou a governação otomana sobre a maioria da região oriental e sudeste da Ásia Menor e do Azerbaijão, a base tradicional das confederações turcomanas e pátria das tribos pró-safávidas *qizilbash* que há muito desafiavam a governação otomana sunita. Chaldiran também levou

o Estado Safávida, originalmente uma confederação turcomana, a assumir um caráter persa e xiita mais pronunciado e a posicionar-se como o principal contrapeso aos seus vizinhos muçulmanos sunitas: os Otomanos a ocidente e os Timúridas (Mogóis) da Índia, a oriente. Durante dois séculos de rivalidade entre Otomanos e Safávidas, o xiismo solidificou-se na Pérsia e nos territórios contíguos do Iraque, tal como a cisão entre o Islão sunita e xiita (com consequências que ainda hoje se fazem sentir). Marj Dabiq e Raydaniyya assinalaram o fim do sultanato mameluco, que governara a Grande Síria e o Egito durante mais de 250 anos, entre 1250 e 1517. Estas vitórias anunciaram a introdução do regime otomano nos feudos árabes do Islão, com importantes consequências para o desenvolvimento da região e do Império Otomano. A conquista do Egito também permitiu aos Otomanos conhecer o Mar Vermelho e o Oceano Índico. Proporcionou ao padixá otomano a oportunidade de expulsar os Portugueses do Oceano Índico e controlar a rota das especiarias, oportunidade que a Sublime Porta (assim era conhecido o governo otomano na Europa) desperdiçou. Contudo, a Porta atingiu os seus objetivos mais limitados. Assegurou as cidades sagradas de Meca e Medina e restaurou as rotas das especiarias no Mar Vermelho e no Mediterrâneo. É possível que alguns governadores otomanos no Egito e comandantes navais no Suez tenham contemplado uma estratégia mais ambiciosa. Não obstante, a política otomana no Mar Vermelho, no Golfo Pérsico e no Oceano Índico continuou limitada em termos de âmbito e objetivos devido às prioridades estratégicas otomanas que se focavam no Mediterrâneo e na Europa central e à dimensão modesta e raio de ação limitado das frotas otomanas de galés movidas a remos.

As conquistas otomanas instigaram o papado e os monarcas europeus a traçar novos planos de cruzadas visando travar os avanços otomanos no Mediterrâneo e na Europa central. Porém, a rivalidade entre os Habsburgo e os Valois, que se revelou após a eleição de Carlos de Espanha como Sacro Imperador Romano em 1519, e a divisão religiosa do cristianismo (após o movimento de Martinho Lutero), separou a Europa e desviou as atenções da «ameaça turca». Conforme veremos nos capítulos 5 e 6, a discórdia política e religiosa na Europa coincidiu com a mudança na estratégia otomana sob a égide de Solimão. Depois da guerra do seu pai contra os Safávidas e os Mamelucos, que durou uma década, Solimão concentrou-se na Europa central e mediterrânica. As resultantes rivalidades e guerras entre os Otomanos e os Habsburgo influenciaram profundamente os destinos do Império Otomano e da Europa central dos Habsburgo.

O foco na rivalidade imperial e nas guerras sublinha a importância

do papel da guerra no desenrolar da História otomana, nas relações entre Otomanos e Europeus, e na evolução das instituições governamentais, militares e financeiras do Império Otomano e nos países vizinhos dos domínios otomanos — temas abordados na Parte 3, «Sustentáculos do Império». As guerras também influenciaram as políticas nacionais, já que obrigaram os governos imperiais adversários em Constantinopla e Viena a negociar com as respetivas elites. A interdependência dos governos imperiais otomano e Habsburgo e as suas elites moldou as políticas imperiais, capacidades militares e estratégias não só em relação aos seus adversários imperiais, mas também no que diz respeito à oposição a nível nacional.

Recentes tendências na literatura académica privilegiam os encontros, alianças e trocas culturais entre Europeus e Otomanos.¹ Embora tais obras sejam úteis, pois equilibram a abordagem do «choque de civilizações» unilateral, devemos ter cuidado para não exagerar a sua importância. O facto de contemporâneos europeus sentirem a necessidade de justificar as suas alianças com o «turco infiel» sugere que as alianças entre a cissão religiosa e cultural entre muçulmanos e cristãos eram consideradas como a exceção e não a regra. Quando o rei Francisco I de França, o rei João de Zápolya da Hungria e os príncipes protestantes da Europa central procuraram ajuda otomana, os seus propagandistas mostraram-se inclinados a convencer os seus irmãos cristãos de que o fizeram em desespero de causa e apenas porque tinham sido atacados pelos Habsburgo. Por outro lado, os seus inimigos atacaram-nos como sendo hereges. Por seu turno, os juristas otomanos alegaram que a paz com os infiéis seria temporária e apenas se fosse em proveito dos muçulmanos.

Segundo todos os relatos, a liderança otomana era pragmática. Os capítulos 10 e 11 («*Lawfare* e Diplomacia» e «Embaixadas, Dragomanos e Serviços Secretos») ilustram como os Otomanos manipularam as tréguas e tratados comerciais com monarcas europeus selecionados em proveito próprio, tornando a *lawfare* e a recolha de informações secretas parte integrante da estratégia principal otomana. Ao contrário dos serviços secretos venezianos e dos Habsburgo, que eram mais centralizados, os serviços secretos otomanos permaneceram *ad hoc* e pessoais. Rivalidades e facciosismo entre os vários grupos de poder em Constantinopla e nas províncias tiveram um efeito negativo sobre os esforços otomanos para procurar informações. Consequentemente, a função de recolha de informações otomana foi menos eficiente do que a dos Venezianos e dos Habsburgo e não conseguiu transpor a informação recolhida em conhecimento sistematizado sobre os rivais europeus da Porta. A carência de tais conhecimentos sobre os seus inimigos debilitou o poder das

relações internacionais otomanas numa época em que o seu poderio militar também estava a diminuir.

No século XVI, os Otomanos eram temidos e admirados pelos europeus, de Nicolau Maquiavel ao soldado russo e crítico social, Ivan Peresvetov. Tendo prestado serviço como soldado profissional na Polónia-Lituânia, Hungria e Moldávia, Peresvetov conhecia os Otomanos e considerava a governação justa e os exércitos organizados do sultão Maomé II como modelos a serem copiados pelo seu regente, Ivan IV (r. 1547–1584), o *Terrível*, de Moscóvia. Diplomatas venezianos consideravam que os sultões otomanos eram os monarcas «mais poderosos». O flamengo Ogier Ghiselin de Busbecq, embaixador dos Habsburgo enviado à corte otomana em meados do século XVI, salientou a superioridade militar otomana em comparação com os Habsburgo. Porém, no início da longa guerra entre os Otomanos e os Habsburgo de 1593–1606, travada na Hungria, os Húngaros e os Habsburgo perceberam que o Império Otomano, outrora formidável, já não constituía uma ameaça fatal para eles. Num escrito de 1596, Hasan Kafi, jurista testemunha ocular da Bósnia, salientou a superioridade das tropas Habsburgo em comparação com a cavalaria otomana. Quatro gerações mais tarde, Ibrahim Müteferrika (húngaro convertido ao islamismo e fundador da prensa do alfabeto árabe em Constantinopla) considerou as reformas militares de Pedro, o Grande (r. 1682/1696–1725), da Rússia um exemplo digno de imitação na sua literatura de aconselhamento, redigida em 1732 para o sultão Mahmud I. Contratemos militares otomanos e as opiniões contrárias de Peresvetov e Busbecq, por um lado, e de Hasan Kafi e Ibrahim Müteferrika, por outro, refletiram importantes mudanças nos destinos militares otomano, Habsburgo e russo.

Pensadores otomanos contemporâneos e historiadores mais recentes consideraram que a causa das derrotas militares otomanas foi a corrupção das instituições da «velha ordem» (*nizam-i kadim*) idealizada. O paradigma do «declínio otomano» foi criado. Este paradigma foi repercutido pelos contemporâneos europeus dos Otomanos e nas obras de historiadores. Estes últimos responsabilizaram o «conservadorismo islâmico» e o «despotismo militar» pelo declínio otomano. Alguns académicos questionaram a periodização «ascensão–era de ouro–declínio» da História otomana. Estes académicos discordaram de quase todos os principais argumentos das escolas do declínio tradicionais, demonstraram a ressurgência do Império Otomano no século XVII e declararam que o paradigma do declínio é um mito.² Porém, nenhum destes estudos conseguiu atribuir de forma satisfatória o descaminho das capacidades militares otomanas aos dois principais rivais regionais dos Otomanos, a Áustria dos Habsburgo e a Rússia dos Romanov.

Comparar e contrapor os desenvolvimentos militares do Império Otomano, da monarquia Habsburgo e da Moscóvia/Rússia ajuda-nos a compreender melhor os caminhos divergentes que os Otomanos, os Habsburgo e os Romanov seguiram e, assim, a natureza dos respetivos impérios. A obra *O Império Otomano e a Conquista da Europa* utiliza novas evidências dos arquivos otomanos para examinar as capacidades militares otomanas em comparação com as dos principais rivais, demonstrando que tal abordagem proporciona uma avaliação mais realista das valências e fragilidades e do equilíbrio militar em mudança. A obra também revela o papel há muito desprezado que os Otomanos tiveram na dinamização das transformações militares e desenvolvimentos fiscais e institucionais relacionados ao longo de um vasto território, desde a Europa central dos Habsburgo à Pérsia safávida e além desta.

Enquanto o império experienciou significativas transformações militares e socioeconómicas a partir de finais do século XVI, estas não constituíram uma rotura com o passado tão vincada ao ponto de assinalar o dealbar de um «segundo Império Otomano», conforme certo estudo alegou.³ Afinal de contas, o império continuou a ser um *ancien régime*. Enquanto as estratégias de recrutamento, gestão de recursos, tributação e administração central e provincial tinham sido todas ajustadas para enfrentar novos desafios, estas alterações não desencadearam uma renovação radical do Império Otomano e dos respetivos exércitos, finanças e administração. O sistema legal estabelecido nos séculos XV e XVI continuou a ser utilizado até às reformas legais do século XIX. O mesmo se pode dizer dos quadros nos quais as gentes do império viveram e interagiram entre si e representantes do governo. Apesar de novas realidades geopolíticas no final do século XVII forçarem os Otomanos a aceitar princípios internacionais de respeito pela soberania e pela integridade territorial de Estados estrangeiros, também a diplomacia otomana seguiu padrões tradicionais. Apenas no século XVIII é que a renovação do *ancien régime* otomano começou com empenho durante o reinado de Sélim III, com o epíteto de «nova ordem». Prosseguiu com as reformas *Tanzimat* (1839–1876), que resultaram na emergência de um «segundo» Império Otomano, cada vez mais parecido e com métodos de ação mais semelhantes aos dos outros impérios do século XIX. Não quer isto dizer que o império de Maomé IV (r. 1648–1687) foi idêntico ao de Maomé II, o Conquistador de Constantinopla. Pelo contrário, ao longo da obra procurei demonstrar como sucessivas gerações da elite otomana tentaram adaptar as suas políticas e instituições a novos desafios, internos e externos, e como essas adaptações afetaram as relações da Porta com os seus vizinhos europeus, desde o século XV a inícios do século XVIII.

PARTE I



Emergência



1

OS PRIMEIROS OTOMANOS



Turcos e o Mundo Bizantino

OS ANTEPASSADOS DE OSMÃ, O EPONÍMICO FUNDADOR DA DINASTIA OTOMANA, chegaram ao noroeste da Ásia Menor e instalaram na antiga província bizantina de Bitínia pouco antes de 1300. À época, o imperador bizantino de Constantinopla há muito perdera o controlo de grande parte da Ásia Menor. Depois da vitória dos Turcos Seljúcidas sobre o exército bizantino no ano de 1071 em Manzikert, um ramo dos Grandes Seljúcidas do Irão alargou gradualmente o seu domínio à região oriental e central da Ásia Menor, a que os recém-chegados chamaram Rum, a terra dos romanos ou gregos. Sob o domínio dos Seljúcidas e da dinastia turcomana rival dos Danismendidás (que os Seljúcidas eliminaram apenas um século depois de Manzikert), grandes números de Turcos nómadas da Transoxania chegaram a Rum, cujos pastos nas terras altas e orlas costeiras amenas ofereciam as condições ideais para o modo de vida pastoralista.

A conversão ao Islão, a religião da facção vencedora, parece ter-se disseminado a partir do século XI. Não obstante a conversão e a turquificação da população, o sultanato seljúcida de Rum continuou a ser um regime multi-étnico e poliglota. Os Turcos viviam sobretudo ao longo das zonas fronteiriças, a que chamavam *uc*, enquanto os Gregos e os Arménios eram em parte rurais e em parte urbanos, à semelhança dos Persas (Tajik) e dos Árabes. As relações entre Gregos e Turcos eram próximas e os casamentos entre membros dos diferentes grupos comuns. Algumas famílias aristocratas bizantinas (os Komnenoi, Tornikoi, Gabrades e Mavrozomai) tornaram-se membros da nobreza seljúcida. Os gregos trabalhavam na administração seljúcida, enquanto os imperadores bizantinos contrataram tropas turcas. Os imperadores também lançaram campanhas militares conjuntas com os Seljúcidas contra outros rivais. Governantes seljúcidas e príncipes rebeldes em fuga procuraram refúgio em Bizâncio com tanta frequência como o faziam entre os seus irmãos muçulmanos na Ásia Menor, Síria, Mesopotâmia e Irão. Ao mesmo tempo, senhores bizantinos rebeldes fugiram para a capital seljúcida

de Konya. Apesar de ataques surpresa e campanhas de punição, existiu uma colaboração política duradoura, ainda que incómoda, entre Bizâncio e o sultanato seljúcida de Rum, entre 1160 e 1261. Esta relação cordial baseava-se na amizade entre os imperadores bizantinos e os sultões seljúcidas e as respetivas elites políticas, bem como na influência da Igreja Ortodoxa em domínios seljúcidas.

O sultanato seljúcida agiu como o principal garante do Império Niceno depois de os cruzados latinos capturarem Constantinopla em 1204 durante a Quarta Cruzada, estabelecerem um império latino em Constantinopla, dividirem as antigas terras bizantinas entre eles e forçarem os imperadores bizantinos ao exílio em Niceia (atualmente Iznik). Durante a era do Império Niceno, os sultões seljúcidas reconheceram os imperadores em Niceia. Em contraste, os Seljúcidas consideraram o «Império de Trebizonda», no nordeste da Ásia Menor, e o Despotado de Epiro, na Albânia e no noroeste da Grécia (os outros Estados sucessores bizantinos depois da Quarta Cruzada), apenas regimes regionais sem dignidade imperial. Os povos de Rum, sob o domínio seljúcida, partilharam elementos das culturas de um e de outro. As crenças dos Gregos de Rum seljúcida distinguiam-se dos que viviam sob a égide de imperadores bizantinos. Além disso, vestiam-se como os Turcos, utilizavam armas turcas e falavam uma língua com palavras emprestadas do turco e do persa. Muitos Turcos, Gregos, Arménios e Persas de Rum falavam pelo menos duas línguas. Jelaleddin Rumi (1207–1273) (fundador da ordem *mevlevi* de dervixes, original de Balkh na Ásia Central) escreveu a maioria das suas obras em persa. Porém, também usou os vocabulários turco e grego ao dirigir os seus poemas aos habitantes de Konya, o novo lar que escolhera.⁴

O influxo de povos nómadas turcos (denominados turcomanos) para o oeste da Ásia Menor está intimamente relacionado com a invasão mongol no Médio Oriente em 1240 e 1250. Um exército ocidental dos mongóis invadiu e derrotou os Seljúcidas de Rum no ano de 1243 em Köseadağ, a nordeste de Sivas. Os Seljúcidas de Rum tornaram-se vassalos dos Mongóis Ilcânidas, os quais estabeleceram o seu império na vasta área que ocupa atualmente a região entre o Afeganistão e a Turquia depois de Hülegü Khan (r. 1256–1265), neto de Gengis Khan, conquistar e saquear Bagdade, acabando com o domínio dos califas abássidas (750–1258). Consoante os Mongóis ocuparam cada vez mais terras de pastagem para os seus cavalos na Ásia Menor, as tribos turcomanas avançaram mais para oeste e estabeleceram-se nas zonas fronteiriças seljúcidas-bizantinas. Nas últimas décadas do século XIII, os Ilcânidas e os seus vassalos seljúcidas tinham perdido o controlo sobre grande parte da Ásia Menor. No vazio de poder que se seguiu, muitos chefes tribais turcomanos

locais, conhecidos por *bei* ou *emir*, conseguiram estabelecer-se como governantes de pequenas chefaturas ou principados. Os Otomanos, que eram apenas uns entre os vários emirados turco-muçulmanos, estabeleceram-se no noroeste da Ásia Menor, na antiga província bizantina de Bitínia.

Os Otomanos beneficiaram bastante da sua nova localização. Depois de os Bizantinos recapturarem Constantinopla aos cruzados latinos em 1261, os imperadores de Constantinopla estavam preocupados sobretudo em recuperar o controlo do sudeste europeu, enquanto geriam as defesas na Ásia Menor contra os ataques turcomanos. Porém, por causa das ameaças venezianas, o imperador Andrónico II Paleólogo (r. 1282–1328) seguiu uma política mais passiva ao longo das fronteiras orientais. Tentou também melhorar as finanças bizantinas, diminuindo a dimensão do exército e desmembrando a frota.⁵ Nas palavras do cronista bizantino contemporâneo Paquimeres, que escreveu em meados de 1310, «as defesas do território oriental ficaram enfraquecidas, enquanto os Persas (Turcos) se sentiram encorajados a invadir terras que não possuíam meios para os afastar».⁶

Guerras Santas e Fronteiras

Até finais da década de 1970, a maioria dos académicos entendiam o regime otomano como um Estado guerreiro de tendências islâmicas levado ao extremo, cuja *raison d'être* era a guerra santa ou *jihād* (denominada *ghaza* em fontes otomanas) contra os «infiéis» e a ininterrupta expansão das fronteiras do emirado otomano às custas dos vizinhos cristãos. Formulada na década de 1930 pelo académico austríaco Paul Wittek, versado no Império Otomano, a tese de *ghaza* serviu de elucidação abrangente para a ascensão, evolução e queda do Império Otomano. Wittek estava convencido de que os primeiros Otomanos partilhavam o espírito quixotesco das «corporações» religiosas *futuwwa*, cujo entendimento e prática do Islão se distinguiam dos do poder religioso instalado (*ulama*). Situados na fronteira de Bizâncio, os *ghazis* otomanos estavam estrategicamente posicionados para empreender essa «guerra santa». As oportunidades de glória foram como um íman para os guerreiros dos emirados turco-muçulmanos vizinhos. O ostensivamente infundável suprimimento de zelosos guerreiros *ghazi*, sob o estandarte dos primeiros governantes otomanos, pareceu explicar o seu sucesso militar.⁷

Académicos de finais dos anos 1970 começaram a pôr em causa a tese de Wittek. Críticos alegaram que aquilo que Wittek apelidou de primeiros *ghazas* otomanos eram iniciativas políticas mais inclusivas. Em inícios do

século XIV, os emirados turcomanos muçulmanos de Aydın, Karasi, Saruhan e Ottoman, forjaram alianças e lançaram avanços militares com Catalões, Bizantinos e Genoveses cristãos. Mercenários catalões, que os Bizantinos contrataram para combater os Turcomanos, lutaram contra e a favor dos Turcos.⁸ Os imperadores bizantinos Andrónico III (r. 1328–1341) e João VI Cantacuzeno (r. 1347–1354) recrutaram a ajuda dos emires turcomanos muçulmanos de Saruhan, Aydın e Ottoman contra os seus adversários no império e para lá deste. Governadores bizantinos locais colaboraram com os Otomanos, enquanto generais e soldados bizantinos descontentes se juntaram aos triunfantes Otomanos. Em finais de 1340 e inícios de 1350 (durante a guerra entre Génova, de um lado, e Veneza, Aragão e Bizâncio, do outro), os Genoveses de Gálata procuraram a ajuda dos Otomanos. Gálata era um subúrbio da Constantinopla bizantina a norte do Corno de Ouro e terra de uma colónia genovesa, estabelecida quase um século antes. No verão de 1351, os Otomanos disponibilizaram aos Genoveses mil arqueiros para combater contra o inimigo cristão de Génova.⁹ A cooperação Genovesa-Otomana durou até à conquista otomana de Constantinopla em 1453. Embarcações genovesas ajudaram os Otomanos em diversas ocasiões a manter a comunicação entre as suas terras, na Ásia Menor, e o sudeste europeu, sabotando as tentativas bizantinas e ocidentais de bloquear a passagem de tropas otomanas da Ásia para a Europa.¹⁰

O século XIV foi palco de campanhas otomanas contra Turcos muçulmanos compatriotas. Os Otomanos também anexaram os emirados turcos vizinhos de Karasi, Saruhan, Germiyan e Hamid. Cronistas otomanos do século XV retrataram os primeiros Otomanos como guerreiros *ghazi*, ignorando muitas vezes estes conflitos e as alianças dos Otomanos com cristãos. Estes cronistas alegaram que os Otomanos adquiriram as terras dos emirados vizinhos através de meios pacíficos, tais como a aquisição e enlacedes matrimoniais. Ao aludirem às guerras entre os Otomanos e os seus vizinhos Turcos, os cronistas otomanos tentaram legitimá-las afirmando que os Otomanos agiram em defesa própria. Outros cronistas alegaram que os Otomanos foram obrigados a combater porque as políticas hostis dos emirados dificultaram as guerras santas dos Otomanos contra os cristãos.¹¹

A natureza heterogénea da sociedade otomana inicial proporcionou uma profícua fonte de competências militares e administrativas. Entre os aliados de Osmã, fundador da dinastia otomana, encontram-se gregos ortodoxos e cristãos convertidos recentemente ao Islão, tais como Evrenos e Köse Mihal. Ghazi Evrenos foi um dos fronteiros otomanos mais famosos. Crónicas otomanas afirmaram que Evrenos foi um turco muçulmano do emirado vizinho

de Karasi. Porém, uma fonte recentemente descoberta sugere que era de origem sérvia, filho de um certo Branko Lazar, que, depois da sua conversão ao Islão, passou a ficar conhecido por İsa Beg. É possível que Branko Lazar se tenha juntado aos Otomanos para alargar o seu património original às custas dos seus rivais cristãos locais. As suas origens sérvias podem explicar porque o governante otomano Murad I confiou a Evrenos a liderança do exército otomano para o campo de batalha de Kosovo, em 1389. Ao contrário dos Otomanos recém-chegados, Evrenos conhecia a geografia e a política da região.¹²

Köse (Imberbe) Mihál, um castelhano bizantino do pequeno forte de Harmankaya, em Bitínia, que controlou artérias de comunicação estratégicas ao longo da bacia do rio Sacaria, lutou primeiro ao lado de Osmã como um cristão grego ao conduzir as tropas de Osmã contra os Bizantinos. Mais tarde, Mihál converteu-se ao Islão e mediou conversações entre os Otomanos e os senhores bizantinos locais. Em 1326, na qualidade de capitão-general otomano, Mihál negociou a rendição de Prousa (Bursa) aos Otomanos. Estes últimos permitiram ao comandante bizantino da cidade partir para Constantinopla, mas o seu conselheiro principal com quem Mihál negociara a rendição, um tal de Saroz, decidiu juntar-se aos conquistadores otomanos.¹³

Cronistas otomanos do século xv minimizaram a importância dos senhores da guerra semi-independentes das fronteiras otomanas nas primeiras conquistas otomanas, atribuindo importância à Casa de Osmã. Contudo, estes fronteiros desempenharam um papel crucial na expansão dos domínios otomanos e na modelação do domínio otomano no sudeste europeu. Até à sua morte em 1417, Ghazi Evrenos foi um interveniente influente nas conquistas otomanas em Rumeli, capturando a maioria das terras entre o rio Marica e a costa do Adriático. Os seus salteadores de cavalaria ligeira combateram nas batalhas de Kosovo (1389) contra os Sérvios e os seus aliados e de Nicópolis (1396) contra os cruzados. Três das quatro dinastias de fronteiros mais famosas (os Evrenosoğulları, Mihaloğulları e Malkoçoğulları [os Filhos de Evrenos, Mihál e Malkoç/a família Malković sérvia]) eram de origem cristã.¹⁴

Estes fronteiros possuíam grandes propriedades herdadas e substanciais exércitos de salteadores. Os Turcos chamavam a salteadores *akıncı*, «aqueles que fluem», com origem no verbo turco *akın*, que significa «fluir». Nas palavras do cronista bizantino do século xv, Doukas (m. após 1462), quando ouviram «a voz do arauto a convocá-los para o ataque — que na sua língua se dizia *akın* — fluíram como um rio a provocar uma inundação».¹⁵ Muitas vezes, os fronteiros agiram com independência em relação aos governantes otomanos. Controlaram grandes áreas das zonas fronteiriças do sudeste

européu como generais de estatuto idêntico ao sultão otomano e não aos capitães-generais militares sujeitos às ordens deste último. O papel que os fronteiros desempenharam nas batalhas de sucessão otomanas de 1402–1413 ilustra o seu estatuto e influência. Ao juntar-se ao príncipe otomano, que parece ter apoiado os seus assaltos e estilo de vida, os fronteiros exerceram bastante poder. Sem o seu apoio, nenhum dos beligerantes príncipes otomanos conseguiria manter os seus territórios no sudeste europeu.¹⁶ Os primeiros governantes otomanos estavam muito bem cientes do poder dos fronteiros, pelo que tiveram o cuidado de não lhes outorgar um estatuto superior. Isto pode explicar porque, aparentemente, nenhum fronteiro foi nomeado para os cargos administrativos mais elevados (governador-geral de província e vizir) dos domínios otomanos. Tão-pouco parece terem-lhes sido oferecidas em casamento princesas otomanas, não obstante a prática otomana de enlacedinásticos, através dos quais os governantes otomanos forjavam alianças políticas com emires turcomanos locais na Ásia Menor e com governantes cristãos vassalos no sudeste europeu.¹⁷

Está sujeito a debate a medida em que as incursões dos fronteiros e as campanhas dos primeiros Otomanos tinham inspiração religiosa. É provável que estas guerras tivessem significados diferentes para diferentes segmentos da sociedade otomana primeva. Alguns acreditavam estar a travar uma guerra religiosa; outros juntaram-se às campanhas pelos saques.¹⁸ Embora os primeiros Otomanos tenham emergido num «contexto amplamente aberto a várias confissões», a elite militar e governante adotou mais tarde «tanto a legitimação *ghazi* como a postura religiosa mais exclusiva. Com o passar do tempo, uma conquista que não começou como *ghaza* passou a sê-lo».¹⁹ Esta abordagem serve para lembrar que uma ênfase no pragmatismo, flexibilidade, abrangência e argúcia política otomanas não deve ensombrar a importância do fervor religioso na sociedade otomana, em especial depois de meados do século XIV. Nas primeiras décadas da sua emergência, os Otomanos enfrentaram cristãos bizantinos, com os quais os Turcos muçulmanos da Ásia Menor tinham relacionamentos estabelecidos depois de viverem lado a lado durante séculos. Os relacionamentos envolveram guerras e rivalidades, bem como cooperação e ocasionais alianças políticas. Porém, depois de os Otomanos terem feito a travessia para o sudeste europeu, travaram batalhas contra Búlgaros, Sérvios e cruzados europeus da Hungria e da Europa ocidental. As batalhas com estes novos inimigos significaram que a *ghaza* se tornou uma parte cada vez mais importante da ideologia e legitimação otomana. Os Turcos da Ásia Menor ocidental entraram de bom grado em guerra com os seus inimigos cristãos, em busca da glória e de pilhagens.

Contingência Histórica e Acidentes

Um problema da tese de *ghaza* é que só tem uma causa. As explicações com uma só causa tendem a ser bastante apreciadas por historiadores e especialistas em ciências sociais para a elucidação das «origens», especialmente em campos com carência de importantes paradigmas. Tais explicações sugerem a inevitabilidade do modo como as coisas evoluíram. Porém, a emergência dos Otomanos como um importante poder regional no século XVI não foi inevitável nem era previsível em 1300. Tal como todos os processos complexos da formação de Estados, envolveu um elevado nível de contingência histórica e acidentes. Há muito que estudantes da iniciativa otomana inicial salientam a localização favorável do pequeno emirado de Osmã, o vazio de poder e as guerras entre os vizinhos dos Otomanos, bem como vários desastres naturais que ajudaram na emergência da Casa de Osmã. Historiadores chamaram a atenção para a possível relação entre uma inundação na primavera de 1302 e a primeira importante vitória de Osmã contra os Bizantinos no verão do mesmo ano na planície de Bafeu, perto da moderna İzmit.²⁰ Outros salientaram os possíveis efeitos da peste negra, que chegou à Ásia Menor em 1347. As pragas afetam populações urbanas e costeiras em maior escala do que as comunidades pastoris do interior da Ásia Menor. Por conseguinte, é plausível que os principados marítimos turcos de Menteşe, Aydın, Saruhan e Karasi tenham sido mais assolados pela peste do que os Otomanos, que viviam mais afastados da costa, e cuja sociedade pastoril disseminada estava muitas vezes em movimento. Também é possível que a praga tenha enfraquecido as capacidades militares dos Bizantinos, que contrataram então tropas turcas, incluindo mercenários otomanos, uma prática com longa tradição que remontava a muito antes da praga.²¹

Enquanto acidentes e contingências históricas foram importantes na conquista otomana inicial, as oportunidades criadas por inundações, terramotos, guerras civis e vazios de poder no seio e entre os vizinhos não tardaram a ser exploradas pelos Otomanos. Os primeiros Otomanos eram sagazes estrategas e estabeleceram a primeira cabeça de ponte na Europa como uma consequência direta dessa política. Em 1347, tropas otomanas, tirando partido de outro conflito interno bizantino, atravessaram os estreitos de Dardanelos para a Trácia como aliados de João Cantacuzeno, comandante-chefe do Exército bizantino. Cantacuzeno desafiou a governação do imperador João V Paleólogo (r. 1341–1391), que era menor de idade, reclamando o trono.

Primeiro, Cantacuzeno alistou a ajuda do seu antigo aliado Umur, emir de Aydin. Porém, o emir enfrentou um exército em cruzada e, como tal, não o pôde ajudar. Depois, Cantacuzeno recorreu a Orhan (r. c. 1324–1362), filho e herdeiro de Osmã. Em 1346, ofereceu a mão da filha Teodora em casamento a Orhan e, com a ajuda dos Otomanos, conquistou o trono como coimperador em 1347. Em 1352 assistiu-se ao dealbar da guerra entre o imperador João V Paleólogo e o filho de Cantacuzeno, Mateus, governador de Edirne. João V Paleólogo conseguiu o apoio dos Sérvios e dos Búlgaros, enquanto Cantacuzeno contou com a ajuda do genro otomano. Na batalha perto da moderna Didymoteicho, no nordeste da Grécia, os mercenários otomanos de Cantacuzeno derrotaram inequivocamente os aliados sérvios e búlgaros do imperador. De seguida, os Otomanos invadiram e pilharam a Trácia. Entre estas incursões, Solimão, filho de Orhan, comandante das forças otomanas, ocupou a cidade de Tzympe, perto da fortaleza costeira bizantina de Gallipoli, na costa europeia de Dardanelos. Os soldados otomanos alargaram gradualmente o seu controlo ao longo da costa norte do Mar de Mármara, desde Gallipoli até Constantinopla. Dois anos mais tarde, quando um terramoto destruiu as muralhas de Gallipoli, Solimão tomou-a. João Cantacuzeno perdeu apoio em Constantinopla, principalmente porque foi acusado de permitir que os Otomanos conquistassem terras bizantinas na Europa. Quando João V Paleólogo regressou a Constantinopla a bordo de embarcações genovesas, Cantacuzeno abdicou. Porém, o mal estava feito. Gallipoli tornou-se a cabeça de ponte europeia dos Otomanos para as suas incursões pela Europa. Os ataques começaram pouco depois de Cantacuzeno abdicar, pois Orhan não tinha qualquer juramento de fidelidade ou laços familiares ao imperador João V Paleólogo.²²

Os Otomanos transformaram Gallipoli numa base marítima e num arsenal naval, edificada nos estaleiros bizantinos existentes. A utilização de Gallipoli como rampa de lançamento para incursões pela Europa demonstrou uma diferença significativa entre os Otomanos e os outros emires turcos na Ásia Menor. Os últimos contentaram-se em pagar e pilhar e devolveram as terras conquistadas aos bizantinos. Por seu turno, os Otomanos serviram-se da sua aliança com os Bizantinos para conquistar pontos estratégicos e território.

As relações entre Otomanos e Bizantinos e o destino de Gallipoli ilustram o modo como os primeiros se aproveitaram da fraqueza dos seus vizinhos bizantinos. Em 1366, os Otomanos perderam Gallipoli para Amadeu de Saboia, que a restituiu a Bizâncio. Desde 1371 que o sultão Murad I (r. 1362–1389) exigia a restauração de Gallipoli. Não obstante, recuperou-a

apenas anos mais tarde em consequência de outra guerra civil bizantina. Em 1373, enquanto o imperador João V (à época vassalo otomano) e Murad I estavam em campanha na Ásia Menor, os seus filhos Andrónico IV e Savcı conspiraram contra os pais. O imperador e o sultão uniram forças e derrotaram os filhos rebeldes. Enquanto Murad decapitou Savcı, o imperador poupou a vida do filho. Contudo, obedecendo às exigências de Murad, ordenou que deixassem Andrónico parcialmente cego e transferiu o seu direito de sucessão para o irmão mais novo, Manuel. No verão de 1376, com ajuda genovesa e otomana, Andrónico IV destronou o pai, oferecendo ao regente otomano a sua fidelidade e um tributo anual. Como prova da sua subserviência, Andrónico entregou Gallipoli a Murad.²³

Recompensas Materiais e Legitimação Religiosa

Um texto datado do século XIV sobre *ghaza* demonstra que os líderes otomanos incentivavam o combate por glória e pilhagens, já que as últimas constituíam a base material dos guerreiros das zonas fronteiriças.²⁴ Os saques eram uma importante fonte de receitas para salteadores e soldados. Na sua narrativa sobre os ataques contra Belgrado e a conquista de Semêndria (1439), o cronista otomano Aşıkpaşazade, que esteve presente durante estas campanhas, alegou ter comprado nove rapazes escravos a salteadores, os quais vendeu mais tarde por um preço entre 200 e 300 *akçe* cada um.²⁵ Tratava-se de montantes avultados em meados do século XV, quando os janízaros de elite do sultão recebiam um salário diário de três a cinco *akçe*. Os saques e concessões de terras por serviços prestados (*timar*) continuaram a ser uma ferramenta de motivação dos seus seguidores, essencial para os governantes otomanos. Em 1484, o sultão Bajazeto II (r. 1481–1512) mobilizou para a guerra com as seguintes palavras: «Todos aqueles que pretendam usufruir do prazer da *ghaza* e da *jihad*, e aqueles que almejem pilhagens, aqueles valentes camaradas que ganham o pão meneando o sabre, e aqueles que desejam receber *timar* graças à camaradagem, estão convidados a juntarem-se a mim com as suas armas e equipamento militar nesta abençoada *ghaza*.»²⁶ Como incentivo adicional, o sultão acrescentou que, nesta expedição, não reclamaria um quinto do saque, que era o quinhão que cabia ao governante muçulmano.

Enquanto as recompensas materiais eram um incentivo essencial para os soldados, a religião era uma ferramenta útil para fomentar a fidelidade e para a legitimação. A partir de meados do século XIV, os Otomanos passaram a considerar-se a si mesmos e à sua religião superiores aos Bizantinos.

Gregório Palamas (arcebispo de Salónica [1347–1360] e prisioneiro detido no acampamento de verão de Orhan, às portas de Bursa, em 1354) observou que os seus captos consideravam que o cativo do bispo era «uma prova da ineficácia» da religião cristã, atribuindo as suas vitórias à superioridade do Islão.²⁷ Fronteiros turcos recentemente convertidos, que se tinham juntado à dinastia otomana, tornaram-se devotos muçulmanos. A peregrinação de Ghazi Evrenos a Meca, e a sua generosidade para com as várias irmandades sufistas (os guias espirituais dos fronteiros e dos seus cavaleiros *akıncı*), é ilustrativa no que a isto diz respeito. A região conquistada por Evrenos incluía 267 conventos dervixe e 65 sopas dos pobres. Estes edifícios foram inicialmente criados para providenciar alojamento e alimento aos dervixes muçulmanos nómadas. Serviram também para suprir as necessidades de mercadores em viagem, estudantes e pobres locais, muçulmanos e cristãos, o que facilitava bastante a aceitação do domínio otomano entre os povos conquistados.²⁸

A utilização da religião para legitimação não era um exclusivo dos otomanos. Tão-pouco o era a inscrição de 1337 em Bursa, a principal fonte de Wittek para a sua tese *ghazi*, que apelidava Osmã de «o exaltado grande emir, mujāhid [aquele que luta na *jihad*] no caminho de Deus, sultão dos *ghazis*, *ghazi*, filho do *ghazi*». ²⁹ Outros emires contemporâneos da Ásia Menor também utilizaram títulos semelhantes. O regente de Kastamonu, Yavlak Arslan, da dinastia Çobanoğlu (r. c. 1280–1291), ostentava o título «a mina de generosidade e munificência para os *ghazis*, o exterminador de rebeldes e destruidor de infiéis». Em inscrições em mesquitas e moedas, Beilhique de Aidim (r. 1308–1334) era «sultão dos *ghazis* e *mujāhid*.» O seu sucessor, Umur Bei (r. 1334–1348), foi apelidado de *ghazi* na sua lápide. Ixaque Bei de Saruhan (r. 1362–1368) foi apelidado de «protetor dos *ghazis* e *mujāhid*». ³⁰ É alvo de debate académico se estas fontes utilizavam a palavra *ghazi* para aludir a «guerreiro sagrado» ou como uma alternativa ao termo turco pré-islâmico *alp* (que significa simplesmente «herói» ou «guerreiro-aventureiro»). ³¹

Amiúde, os sultões otomanos de inícios do século xv legitimaram o seu domínio com recurso a títulos islâmicos normativos em inscrições em moedas e mesquitas, projetando a respetiva imagem como regentes por direito próprio que combatiam pela expansão dos domínios do Islão. Na inscrição em língua árabe da Hamza Beg ou Eski Cami (Velha Mesquita) de Stara Zagora na Bulgária (construída em 1409 por Hamza, subordinado do príncipe Solimão), o príncipe Solimão é cognominado «o sultão poderoso, virtuoso e conquistador, o sultão do Islão e dos Muçulmanos, a sombra de Deus», «o senhor (*khudawandgar* em persa) e comandante Solimão, filho de Bajazeto, filho de Murad, o cã.» Na inscrição da Eski Cami em Edirne, o

sultão Maomé I (r. 1413–1421) legitimou a sua regência como sultão por direito próprio, *mujāhid* e *murābit* (ou seja, aquele que protegia as fronteiras do Islão). O regente otomano é também designado «vitorioso (*mansūr*) com o seu estandarte, subjugando os inimigos, disseminando a justiça e beneficência entre os habitantes da Terra, o sultão, filho do sultão, filho do sultão, benfeitor da Terra e da religião». Os títulos *mujāhid* e *murābit* estão «intimamente ligados ao espírito de fronteira piamente militante alicerçado na História da Salvação do primeiro século da história islâmica». ³² Os governantes otomanos utilizaram a legitimação religiosa contra os emires turco-muçulmanos vizinhos porque estes últimos aplicavam títulos islâmicos semelhantes para justificar a sua governação. A legitimidade islâmica também continuou a ser importante em anos posteriores, quando os sultões otomanos procuraram domínios religiosos (*fatwa*) para justificar as suas guerras contra vizinhos muçulmanos e rivais.

A legitimação religiosa também se revestiu de importância primordial para a propaganda imperial bizantina. João VI Cantacuzeno enquadrou as suas guerras contra os emirados turcomanos como uma batalha entre os devotos bizantinos e os perversos «israelitas» e «bárbaros», os «inimigos naturais» de Bizâncio. Autores bizantinos ilustraram as guerras defensivas de Bizâncio contra os Otomanos de maneira idêntica, dando ênfase à superioridade moral e cultural bizantina. Enquanto esta retórica visava atrair ajuda militar da Europa ocidental, também serviu para ilibar João VI Cantacuzeno da acusação de que, ao contratar os Otomanos como mercenários contra os seus rivais, contribuíra para a expansão otomana no sudeste europeu. ³³

Geopolítica dos Balcãs

Na primeira metade do século XIV, três poderes dominavam grande parte da Península Balcânica: o Império Bizantino, a Sérvia e a Bulgária. A Sérvia emergia como o mais poderoso dos três, controlando as vastas terras desde o Danúbio, a norte, até ao Golfo de Corinto, a sul, sob a égide de Estêvão Dušan (r. 1331–1355). O cunhado de Dušan, João Alexandre (r. 1331–1371), governava a Bulgária. Porém, quando os Otomanos iniciaram as suas conquistas na península com mais empenho, os três poderes estavam enfraquecidos. O Império Bizantino fora avassalado por uma guerra civil. A Sérvia dividira-se em principados concorrentes, seguindo-se a desintegração sob a governação do filho e herdeiro de Dušan, Uroš (r. 1355–1371), e a extinção da dinastia Nemanjić (1371). O czar Alexandre dividiu a Bulgária entre os dois filhos e

perdeu o nordeste da Bulgária para Dobrotitsa (um poderoso senhor de descendência talvez turca), cujo nome acabou por ficar associado a estas terras, conhecidas por Dobruja.³⁴

O rei Luís I da Hungria (r. 1342–1382) aproveitou o enfraquecimento dos seus vizinhos do sul para os obrigar a aceitar a suserania húngara. Depois da morte de Dušan, duas famílias magnatas sérvias entraram em conflito na região de Braničevo, no norte da Sérvia. Em 1361, a região separara-se da Sérvia e era governada pelo vassalo sérvio do rei húngaro. No mesmo ano, o príncipe Lazar Hrebeljanović (r. 1371–1389), que governou partes do norte e do leste da Sérvia, aceitou a suserania húngara. O rei Luís também recuperou territórios bósnios que o seu pai perdera, tornando Tordácato I da Bósnia (vice-rei 1353–1377 e rei 1377–1391) seu vassalo.³⁵ Além disso, o rei húngaro combinou o casamento entre Tordácato e Doroteia, filha de João Stracimir, do czarado de Vidin. Como Stracimir era vassalo de Luís, o enlace reforçou a influência do rei húngaro nos dois reinos.³⁶ A sua suserania em partes da Sérvia, Bósnia e Bulgária aproximou Luís I dos Otomanos. Ao compreender a ameaça otomana, Luís revelou a sua intenção de participar numa cruzada contra estes. Em 1366, o imperador bizantino João V Paleólogo visitou Buda, a capital de Luís. Suplicou ajuda contra os Otomanos, prometendo cumprir as instruções papais relativas à união da igreja. Contudo, o papa não tardou a suspender as cruzadas porque os gregos «pareciam não querer a união apenas por vontade própria e através de ardor religioso», mas eram «atraídos para ela apenas para obter a nossa ajuda», escreveu o papa ao rei húngaro.³⁷

Em meados de 1369, os Otomanos tinham conquistado o norte e o centro da Trácia. Ao capturarem Adrianópolis (Edirne), localizada na confluência dos rios Marica e Tundža, granjearam acesso à Trácia e à Bulgária. O facto de o sultão escolher a cidade como centro da sua corte foi sinal dos planos otomanos de permanecerem na Europa.³⁸ Depois de esmagarem as forças sérvias na batalha de Černomen (T. Çirmen, 26 de setembro de 1371), os saltadores otomanos devastaram a Macedónia, conquistando as planícies até Samakov em meados de 1375. Estes acontecimentos obrigaram os príncipes sérvios da Macedónia, o czar búlgaro João Šišman de Trnovo e o imperador bizantino João V Paleólogo a aceitar a suserania otomana. A vitória otomana em 1371 foi mais importante para a abertura da Península Balcânica aos Otomanos do que a mais conhecida batalha de Kosovo em 1389.³⁹

Depois da derrota dos príncipes sérvios em 1371, o papa Gregório XI instigou Luís I a resistir aos Otomanos. Porém, dois meses depois, o papa expressou a sua esperança de o rei húngaro o ajudar na sua guerra contra os

Visconti. Embora o rei Luís tenha demonstrado um genuíno interesse em liderar umas cruzadas contra os Otomanos, não tardou a quebrar a promessa. Porém, quando se espalhou o rumor de que Vaicu de Valáquia tomara o partido dos Otomanos, Luís marchou contra ele em 1375. Em Valáquia, os húngaros enfrentaram tropas otomanas que apoiavam os Valaquiianos. Para defender as fronteiras sudeste do seu reino contra incursões valaquiianas e otomanas, Luís mandou construir e reconstruir vários fortes. Porém, estes não conseguiram travar incursões otomanas à Transilvânia, que tivera tradicionalmente um papel importante na província fronteiriça do leste da Hungria. Apesar do seu sucesso limitado contra os Otomanos, o rei Luís granjeou reputação como devoto filho de Cristo que fez uma campanha contra os Lituanos pagãos e os cismáticos e hereges da Sérvia, conseguindo que os papas lhe atribuíssem títulos como «defensor de Cristo» (*athleta Christi*), «muito devoto príncipe e mais ilustre filho da Igreja sagrada de Deus» e «o príncipe mais cristão e heroico carrasco dos infiéis».⁴⁰

Após a morte de Luís I em 1382, o príncipe Lazar recuperou a independência ao tirar partido das lutas de sucessão para a coroa húngara entre os reclamantes angevinos e Sigismundo, filho do imperador Carlos IV da Alemanha.⁴¹ Porém, em algum momento antes de 1386, Lazar combinou o casamento da filha Teodora com Nicolau II Garai (Nikola Gorjanski). Vice-rei da Croácia e Eslavónia e líder da facção baronial pró-Sigismundo, Garai desempenhou um papel fundamental a convencer o sogro a reconhecer a suserania do rei Sigismundo (r. 1387–1437) em 1389.⁴²

Em 1386, Murad conquistou Niš, ganhando assim acesso à secção norte do caminho militar romano que conduzia à Sérvia do príncipe Lazar, no vale do rio Morava. Contudo, antes ou pouco depois da conquista otomana de Niš, o príncipe Lazar conseguiu travar temporariamente os Otomanos perto de Pločnik, a sudoeste de Niš.⁴³ Pločnik foi um contratempo para os Otomanos, assim como a derrota do paxá Şahin às mãos dos bósnios de Tordácato em Bileća antes ou a 27 de agosto de 1388. A derrota de Şahin em Bileća levou Murad a retaliar na primavera de 1389.⁴⁴

O cronista otomano Neşri estava convencido de que as tropas do príncipe Lazar combateram contra os bósnios em Bileća. Porém, o sultão Murad tinha bons motivos para atacar Lazar, pois o reconhecimento do último da suserania húngara era uma ameaça para os interesses otomanos.⁴⁵ Os exércitos de Murad e Lazar encontraram-se a 15 de junho de 1389 na batalha de Kosovo Polje, perto da atual Priština. Enquanto Lazar foi capturado e executado, o sérvio Miloš Obilić assassinou o sultão. Depois da batalha, Estêvão Lazarević (c. 1377–1427), filho e sucessor de Lazar, tornou-se o vassalo do novo regente

otomano, Bajazeto I (r. 1389–1402), enquanto a irmã de Estêvão, Olivera, casou com Bajazeto. Durante mais de uma década, Estêvão Lazarević lutou ao lado do seu soberano otomano contra a Hungria, Valáquia, os cruzados europeus e Timur (Tamerlão). O sultão recompensou os serviços do seu vassalo concedendo-lhe as terras do seu rival sérvio.⁴⁶

Enquanto vassalo do sultão Bajazeto I, Estêvão Lazarević foi coagido a permitir a entrada de soldados otomanos nos seus castelos, incluindo Golubac no rio Danúbio que formava a fronteira. Incurções otomanas e sérvias aos condados do sul da Hungria tornaram-se eventos anuais. Pela primeira vez desde a invasão mongol em 1241, as regiões fronteiriças da Hungria sofreram com ataques estrangeiros regulares, com consequências cada vez mais devastadoras. Em retaliação, o rei Sigismundo conduziu os seus exércitos para a Sérvia todos os anos entre 1389 e 1392, quando o sultão estava a combater contra o povo da Caramânia, na Ásia Menor. As forças de Sigismundo capturaram vários fortes sérvios e combateram as tropas otomanas e sérvias no distrito de Braničevo, a sudeste de Belgrado.⁴⁷

Em 1393, os Otomanos conquistaram Trnovo, anexando a Bulgária danubiana e mandando o czar Šišman para Nicópolis no Danúbio como vassalo do sultão Bajazeto. Em 1394, Bajazeto invadiu o sul da Hungria e Valáquia, e expulsou o voivoda pró-Hungria, Mircea, *o Velho* (r. 1386–1418), substituindo-o pelo seu próprio vassalo, Vlad, *o Usurpador* (r. 1394–1397). Na batalha travada no outono de 1394 no desfiladeiro de Rovine, Mircea e os seus aliados derrotaram o exército otomano, que bateu em retirada, matando beis otomanos e os príncipes sérvios vassalos dos otomanos Marko «Kraljević» e Konstantin Dragases. Bajazeto conseguiu atravessar o Danúbio em Nicópolis a bordo de barcos fornecidos pelo czar Šišman. De volta a terras controladas pelos Otomanos, o sultão (suspeitando da conspiração do czar búlgaro com Mircea e o rei Sigismundo) ordenou a execução de Šišman.⁴⁸ Depois de Rovine, a maioria da Macedónia moderna ficou sob o jugo otomano. Contudo, a maior parte da região foi incluída nas terras fronteiriças dos fronteiros Paşa Yiğit, do seu herdeiro Ixaque Bei (1414–1439) e İsa Bei (1439–1463), filho de Ixaque.⁴⁹

Não obstante a derrota na batalha de Rovine, Bajazeto conseguiu destituir o voivoda pró-Hungria da Valáquia e empossou o seu próprio vassalo. O destituído Mircea procurou Sigismundo e, em março de 1395, juntamente com os seus boiardos, reconheceu a suserania húngara, prometendo participar nas cruzadas planeadas de Sigismundo, que, no verão, reconduziu Mircea como voivoda. Porém, no outono, os Otomanos tinham o seu homem outra vez em Valáquia. O controlo otomano sobre Valáquia, Bulgária e duas

travessias estratégicas do Danúbio em Nicópolis e Vidin acelerou os preparativos para as cruzadas.⁵⁰

As Cruzadas de Nicópolis

A conquista otomana no sudeste europeu reforçou a ideia das cruzadas, sobretudo em Bizâncio, cujos monarcas e enviados tinham viajado na Europa de Buda até Londres, na esperança de assegurar ajuda militar e financeira contra os Otomanos. Graças a umas tréguas de quatro anos na Guerra dos Cem Anos, havia disponibilidade de cavaleiros franceses e ingleses para as cruzadas. No fim, a participação da Europa ocidental nas cruzadas foi assaz limitada. Apesar de o papa Bonifácio IX apoiar as cruzadas, apelou ao povo da Dalmácia, Bósnia, Croácia e Eslavónia para pegar nas armas não contra os «turcos infiéis», mas contra o seu próprio rival, Benedito III, o papa em Avignon.⁵¹

Apenas alguns milhares de cavaleiros europeus (de França-Borgonha, Inglaterra, Alemanha e Boémia) se juntaram às cruzadas. A cavalaria pesada da França-Borgonha, de cerca de 1000 homens, foi o exército mais numeroso. A pedra angular do exército de cruzados foram as tropas húngaras, perfazendo quicá 10.000 homens. Com mil arqueiros montados valáquios e guerrilheiros de floresta disponibilizados por Mircea, o exército de cruzados teria atingido um contingente de 15.000 efetivos.⁵² A maioria das tropas era constituída por cavalaria pesada, mas os húngaros e valáquios também colocaram no terreno arqueiros montados. Enquanto estes eram mais adequados para combater a cavalaria ligeira otomana, os arqueiros otomanos eram superiores graças aos seus extraordinários arcos recurvos e melhor técnica de disparo.⁵³

Historiadores criticaram Sigismundo por perder tempo a conquistar castelos otomanos ao longo do Danúbio. Porém, a lenta movimentação dos cruzados foi reflexo de uma estratégia que visava não expulsar os Otomanos da Europa, mas expandir a área de influência húngara no sudeste europeu de modo a que o avanço do inimigo pudesse ser travado para lá das fronteiras do reino.⁵⁴ Quaisquer que fossem os objetivos de Sigismundo, as cruzadas tiveram um fim catastrófico. A derrota foi resultado da insistência dos cavaleiros franceses em liderar o ataque, apesar de não conhecerem as táticas do inimigo. As posições fortificadas da infantaria otomana travaram o avanço da cavalaria pesada francesa e o recuo dos cavaleiros depressa deu lugar a uma debandada.⁵⁵

Escapando por pouco com vida, o rei Sigismundo fugiu pelo Mar Negro para Constantinopla e depois para a Hungria por via marítima. O resto do exército húngaro, liderado pelo governador de Sigismundo da Transilvânia, regressou a casa através da Valáquia. Em 1397, os Húngaros conseguiram derrubar o voivoda valáquio vassalo dos Otomanos, que atacara os cruzados de regresso à Hungria. Restituíram Mircea no posto de voivoda, desta vez definitivamente.⁵⁶ Porém, tendo conquistado os territórios do czarado búlgaro de Vidin ao seu regente em 1396, os Otomanos estavam agora a aproximar-se das fronteiras húngaras e valáquias ao longo do Danúbio.

Apelidado de «rio *ghazi*» por cronistas otomanos dos séculos xv e xvi e de «pai dos rios» pelo viajante otomano do século xvii, Evliya Çelebi, daí em diante o Danúbio marcou a fronteira norte dos domínios do sultão. Para os Otomanos na fronteira, o Danúbio separava as terras do Islão das dos «infiéis».⁵⁷ Os Otomanos organizaram os territórios conquistados a sul do Danúbio nas províncias (*sancak*) de Nicópolis (T. Niğbolu), Vidin e Silistra (T. Silistre). Conquistaram Silistra em 1388, nomeando o fronteiro Mihaloğlu Firuz Beg como o seu primeiro governador sanjaco. Porém, o voivoda Mircea retomou a cidade fronteira várias vezes até Maomé I o submeter à vassalagem em 1417 e reconquistar Silistra em 1419. Silistra, Vidin e Nicópolis passaram a ser rampas de lançamento otomanas para incursões do outro lado da fronteira para a Hungria, Valáquia e Moldávia até à conquista da Hungria a meio do século xvi.⁵⁸

2

DERROTA E RECUPERAÇÃO



Timur e a Derrota em Ancara

QUANDO BAJAZETO ESTENDEU O SEU DOMÍNIO AO LESTE DA ÁSIA MENOR EM finais da década de 1390, foi inevitável o confronto com Timur, ou Tamerlão (r. 1370–1405), o último dos grandes conquistadores mongóis. Em início dos anos de 1400, desde a sua capital em Samarcanda, na Transoxania, Timur invade o norte da Índia, os territórios da Horda Dourada, Pérsia, Síria e leste da Ásia Menor. Timur reclamou suserania sobre todos os emires da Ásia Menor por força da sua descendência de Gengis Khan, cujos sucessores ilcânidas haviam governado a Ásia Menor na segunda metade do século XIII. Quando Timur exigiu submissão a Bajazeto, o regente otomano rejeitou-a.

Bajazeto considerava-se herdeiro dos turcos seljúcidas, que tinham governado a Ásia Menor desde finais do século XI a inícios do século XIV. Para reforçar a legitimidade otomana perante reivindicações concorrentes dos Timúridas e dos Mamelucos em relação à Ásia Menor, a corte de Bajazeto fabricou narrativas históricas sobre as origens da Casa de Osmã. Estas lendas sustentavam que o sultão seljúcida delegara a sua autoridade (a qual recebera do califa abássida em Bagdade) a Osmã, fundador da dinastia otomana, ou ao seu pai, Ertuğrul. Outra versão da lenda defendia que o último sultão seljúcida nomeara Osmã como herdeiro aparente. Desafiando Timur abertamente, Bajazeto recorreu ao califa sombra, agora a residir no Cairo mameluco e, em 1395, solicitou o título de «Sultão de Rum», que os Seljúcidas também utilizavam. Além disso, Bajazeto revelou as suas pretensões de ser um governante conquistador de nível mundial das tradições da Ásia central, conhecido por *sahib-kıran*, o «senhor da [auspiciosa] conjunção [dos planetas]». Nas suas moedas de prata e cobre, incluiu aglomerados de três pontos, por vezes à volta de uma estrela, representando corpos celestes, uma conhecida referência cosmográfica ao poder mundial.⁵⁹ Em 1396, para o resgate de um príncipe borgonhês capturado na batalha de Nicópolis, Bajazeto obteve uma série de tapeçarias de Arras, no norte de França, o ilustre centro da indústria, retratando a vida de Alexandre, o *Grande*, herói do sultão e símbolo de soberania

universal. Bajazeto também declarou a sua intenção de capturar a Basílica de São Pedro em Roma aquando da sua conquista planeada de Constantinopla, pois ele «nascera para governar o mundo inteiro». ⁶⁰ Contudo, as suas ambições em breve seriam postas à prova.

Em 1402, Timur avançou sobre a Ásia Menor via Erzurum e Erzincan. Timur chegou a Ancara em julho e montou o cerco à cidade. Levantou o cerco quando batedores lhe levaram a notícia da aproximação do exército otomano. A 28 de julho, a batalha desenrolou-se na planície de Çubuk, a nordeste de Ancara. Os números disponíveis relativos à dimensão dos exércitos inimigos são bastante exagerados, mas a maioria das fontes concordam que as forças de Timur eram bastante superiores às otomanas. ⁶¹ Além do número inferior e da exaustão, uma carência de recursos de água potável também enfraqueceu os Otomanos, pois Timur destruíra os poços das proximidades. Académicos modernos também sugeriram que Timur desviara o regato que corria pela planície ao construir um dique de derivação e um reservatório, privando assim os soldados otomanos e os seus cavalos de água potável no dia da batalha. ⁶² Timur também recorreu aos turcomanos, que os Otomanos tinham subjugado recentemente. Sublinhando a sua descendência comum, Timur instigou-os a tomar o seu partido contra Bajazeto:

A vossa nobreza também é minha e a vossa raça juntou-se à minha e os nossos países aos vossos; temos antepassados comuns, somos rebentos e ramos da mesma árvore; num passado longínquo, os nossos pais cresceram num ninho e, aos poucos, ocuparam muitos outros; como tal, sois deveras um rebento da minha estirpe. Assim sendo, como permitistes que esta vergonha sobre vós desabasse, pois fostes subjugados? E porque deveis ser escravos de um homem que é um filho de escravos libertados por Ali Saljuqi? Depois de conquistar estas províncias, seguirei o meu caminho... e farei de vós proprietários de aldeias, fortes, cidades e suas planícies, e lá estabelecerei cada um de vós em conformidade com o vosso mérito; se então vos parecer apropriado não prestar auxílio contra nós e tiverdes a oportunidade de vos juntardes a nós, habilitai-vos e reclamai a vossa quota-parte, comparecendo ao nosso lado. ⁶³

Em batalha, os cavaleiros turcomanos e tártaros da facção de Bajazeto desertaram para os seus emires, que lutaram pela facção de Timur. Bajazeto lutou corajosamente com os seus janízaros e cavalaria sérvia vassala comandada

por Estêvão Lazarević, mas não tardou a perder e foi capturado. Conhecido como «Relâmpago» pelas suas conquistas rápidas, o sultão otomano morreu sob o cativeiro de Timur, muito provavelmente suicidando-se.⁶⁴

Timur devolveu as recentes conquistas de Bajazeto no leste da Ásia Menor aos seus anteriores senhores e dividiu os restantes domínios otomanos pelos filhos de Bajazeto. A divisão dos domínios do regente entre os respetivos filhos era um costume nos impérios turco-mongóis da Ásia central, mas entrava em conflito com os costumes otomanos de sucessão dinástica. Os Otomanos não reconheceram a divisão do reino e introduziram uma prática de fratricídio dinástico para evitar a dispersão do património otomano. Historiadores atribuíram a «lei do fratricídio» ao «Código Legal de Maomé II», segundo o qual era ordenado que «seja qual for o meu filho a que o sultanato seja transmitido pelas graças de Deus, será adequado que ele mate os seus irmãos pelo interesse supremo do mundo».⁶⁵ Não obstante a origem controversa da «lei do fratricídio»,⁶⁶ a dinastia e a elite governante otomana já seguia estas regras aquando da batalha de Ancara e apoiava a noção da indivisibilidade dos domínios otomanos.⁶⁷ Depois de Timur dividir as terras otomanas, os filhos de Bajazeto começaram uma guerra civil que duraria uma década (conhecida na história otomana por o interregno [1402–1413]) — para estabelecer a soberania indivisa nos domínios otomanos. Isto foi conseguido pelo príncipe Maomé, que controlava as terras otomanas no verão de 1413 como sultão Maomé I. Em 1416, Shahrukh (r. 1405–1447), filho e sucessor de Timur, objetou à reunificação das terras otomanas de acordo com os costumes otomanos (*töre-i Osmani*), salientando que a guerra entre irmãos era contra o costume mongol ilcânida (*töre-i İlkhani*). A isto, Maomé I respondeu citando o famoso poeta persa Saadi e o seu poema *Gulistan* (O Roseiral): «Dez dervixes podem aconchegar-se num tapete, mas dois reis não cabem na mesma região.»⁶⁸

O sultão Maomé I conseguiu repor o poder otomano nas antigas terras otomanas, mas os seus domínios eram de menor dimensão do que os do pai e a sua governação foi repetidamente posta em causa. Em 1415, Mustafa, o irmão desaparecido de Maomé, apareceu pela primeira vez na Ásia Menor e depois em Valáquia e envidou negociações com os Bizantinos, Venezianos e Valáquios. Apesar de cronistas otomanos o considerarem um impostor e o apelidarem de «Falso» Mustafa, é plausível que fosse irmão de Maomé, libertado por Shahrukh, que considerava indesejável a consolidação do poder otomano nas cercanias das suas terras persas. Os problemas causados por Mustafa e pelos seus aliados revelaram-se efémeros. Foram derrotados, mas refugiaram-se junto do imperador Manuel II Paleólogo (r. 1391–1425). Para

manter Mustafa e o seu apoiante (o antigo emir de Aydın) sob custódia bizantina, o sultão Maomé concordou em pagar ao imperador Manuel uma gratificação anual de 10.000 ducados de ouro.⁶⁹

Em Dobruja, a sudoeste do delta do Danúbio na Floresta Selvagem (Deli Orman), eclodiu uma rebelião contra a governação de Maomé, liderada pelo carismático místico e juiz muçulmano Sheikh Bedreddin. A sua mãe era uma grega convertida (filha de um comandante de fortaleza bizantino) e o seu pai um *ghazi* muçulmano, tendo nascido perto de Edirne. Depois de se dedicar a estudos religiosos em Konya (terra dos dervixes Mevlevi), Cairo (capital do sultanato mameluco) e Ardabil, no Azerbaijão iraniano (centro da ordem dervixe Safaviyya), Bedreddin propagou crenças religiosas sincréticas e a posse comum de propriedade. O príncipe Musa nomeara Bedreddin juiz em Edirne, mas o seu mandato terminou com a vitória de Maomé. Quando Bedreddin regressou a Rumeli, beneficiou do apoio de muitos fronteiros, que se opuseram a Maomé por revogar as concessões de terras que Bedreddin lhes dera em nome do príncipe Musa. As tropas de Maomé não tardaram a capturar Bedreddin e ele foi acusado de perturbar a ordem do sultanato ao defender semelhanças entre religiões e os seus profetas. Apesar de Bedreddin ser enforcado em público em Serres, na Macedónia (dezembro de 1416), as suas ideias mantiveram a popularidade entre a ordem de dervixes Bektaşî e seus apoiantes, os janízaros. Também foram suprimidas outras rebeliões semelhantes lideradas por um tal de Börklüce Mustafa, no sudoeste da Ásia Menor.⁷⁰

Depois de derrotar os adversários internos, Maomé virou-se contra aqueles que apoiaram os rebeldes. Em 1417, o sultão derrotou Mircea, o *Velho*, de Valáquia, e subjugou-o à vassalagem. Mircea concordou em pagar um tributo e enviar os filhos como reféns para a corte do sultão. Para reforçar o seu domínio no Danúbio, Maomé posicionou guarnições otomanas em Turnu (em frente a Nicópolis) e Giurgiu (em frente a Ruse), na margem esquerda do rio.⁷¹ Pouco depois, recapturou Silistra, na margem direita do Danúbio (1419). Maomé também conseguiu impor vassalagem ao emir turcomano de Caramânia. Enfraquecido por problemas de saúde, o sultão concentrou-se em assegurar o trono para o filho mais velho, Murad. Segundo o seu acordo com o imperador Manuel, Murad deveria ser reconhecido como sucessor de Maomé; o seu outro filho, Mustafa, deveria permanecer na Ásia Menor, enquanto os dois filhos mais novos, Yusuf e Mahmud, de 8 e 7 anos, seriam entregues a Manuel. O imperador deveria mantê-los sob custódia em Constantinopla, juntamente com Mustafa, irmão de Maomé I. Contudo, aquando da ascensão do sultão Murad II em 1421, os seus vizires rejeitaram

a divisão dos domínios otomanos e a entrega dos filhos mais novos do sultão ao imperador bizantino. Assim, o imperador Manuel libertou da sua custódia o tio e o irmão de Murad, apelidados de «Falso» e «Pequeno» Mustafa em crónicas da corte otomana, para incitar a revolta contra o sultão. Apenas em 1423 é que Murad II conseguiu restaurar a sua autoridade ao derrotar e matar os seus adversários, que também beneficiaram do apoio dos fronteiros rumelianos e dos emires turcos na Ásia Menor. Os últimos foram imediatamente castigados, pois Murad II anexou os emirados de Aydın, Menteşe, Germiyan e Teke nos anos que se seguiram, reconstituindo assim o domínio otomano no sudoeste da Ásia Menor. A utilização da expressão «Falso» Mustafa pelos bizantinos para incitar a guerra civil nos domínios otomanos não surtiu o efeito desejado. Como represália, em 1422, Murad montou o cerco à capital bizantina de Constantinopla e à «segunda cidade» do império, Tessalónica. Constantinopla foi salva pois Murad teve de enfrentar o irmão mais novo, Mustafa «Pequeno». Como não conseguiram defender Tessalónica, em 1423 os Bizantinos entregaram a cidade a Veneza. A ocupação veneziana da cidade desencadeou outra guerra com os Otomanos. Apesar de os Venezianos reforçarem a defesa de Tessalónica, em 1430 esta caiu às mãos dos Otomanos. Recentes vitórias otomanas e a reconstituição dos domínios otomanos por Maomé I e Murad II foram demonstração de um crescente poderio militar otomano.⁷²

Pilares do Poder: Timares e Sanjacos

As tropas sob o controlo da Casa de Osmã desempenharam um importante papel na reconstituição dos domínios otomanos depois do fiasco de Ancara. O exército também ajudou a dinastia a subjugar os principados turcos rivais na Ásia Menor e os fronteiros rumelianos. Os pilares mais importantes do poderio militar da dinastia foram o sistema prebendado otomano e o exército doméstico permanente sob o controlo direto dos sultões. O sistema prebendado, baseado nas apelidadas subvenções *timares*, desenvolvera-se sob a égide dos primeiros governantes otomanos, seguindo padrões bizantinos e seljúcidas preexistentes de posse de terras. Estas subvenções à condição (semelhantes à *pronoia* bizantina e à *iqta* seljúcida) financiaram milhares de soldados montados, chamados *sipahi*. Os *timariotas sipahis*, ou titulares prebendados militares, recebiam impostos e taxas das respetivas aldeias em troca de serviços militares e desempenharam um papel crucial na manutenção e na ordem nas zonas rurais. O sistema de *timares* otomano constituiu

a base não só da organização militar otomana, mas também da gestão de receitas e da administração das províncias. Seguindo modelos seljúcidas, na primeira metade do século XIV, soldados de cavalaria remunerados através de *timares* eram conduzidos para campanhas pelos respectivos comandantes. Estes últimos recebiam avultados *timares* e comandavam grandes unidades territoriais, conhecidas em termos diferentes. Na segunda metade do século XIV foram criadas unidades administrativas militares de maior dimensão, chamadas *sanjacos*, com o objetivo de contrabalançar a influência dos líderes militares com ligações tribais e familiares. O *sanjaco* (literalmente «bandeira», estandarte) designava originalmente uma unidade do exército, sem associação territorial, sob um estandarte que o comandante da unidade recebia do regente como símbolo da transferência de autoridade. O *sanjaco* (também designado *liva*) não tardou a tornar-se a unidade administrativa territorial otomana básica. Era liderado por um governador (*sancakbeyi* ou *mirliva*), que comandava as tropas de cavalaria *timariota* no respetivo *sanjaco*. A intenção dos governantes otomanos de incorporar os emirados turcomanos conquistados nos domínios otomanos também pode ter ajudado na criação de *sanjacos*, já que as unidades administrativas existentes eram demasiado pequenas para acomodar estes principados.⁷³

A proliferação de *sanjacos* devido à expansão territorial exigiu a sua integração em unidades administrativas militares de maior dimensão. Por conseguinte, Murad I nomeou o primeiro governador-geral para comandar as forças *timariotas* de todos os *sanjacos* em Rumeli. O termo otomano para o governador-geral de uma província era *beylerbeyi*, literalmente «bei dos beis [*sanjaco*]» ou «senhor dos senhores», enquanto as províncias eram conhecidas por diversos nomes (*beylerbeyilik*, *vilayet* e, a partir de finais do século XVI, *eyalet*). Em 1393, o sultão Bajazeto I nomeou o governador-geral de Anadoli, que, desde o seu trono em Kütahya, governou o ocidente da Ásia Menor. Em 1413, depois da conquista de Tokat e Sivas, foi estabelecido o governo de Rum para administrar estas terras recém-conquistadas no norte e centro da Ásia Menor. A isto, na segunda metade do século XV, seguiu-se a nomeação do *beylerbeyi* de Caramânia para governar o recém-incorporado principado de Caramânia no sul e centro da Ásia Menor. Este novo sistema administrativo militar reforçou significativamente o controlo da dinastia otomana sobre as províncias, a gestão de receitas e o exército de província.⁷⁴

Em troca pelo direito de recolher receitas das aldeias que lhes eram atribuídas, o soldado de cavalaria de província otomano, ou *sipahi*, tinha de pagar as suas armas (espada curta e arcos), armadura e cavalo, e apresentar-se para prestar o serviço militar juntamente com os seus dependentes armados

quando convocado pelo sultão. Durante as campanhas, o registo geral das forças armadas era comparado com os registos de *timar* para verificar se todos os cavaleiros *timariotas* se tinham apresentado para prestar o serviço militar e levado a sua quota exigida de dependentes e equipamento. Se os cavaleiros não se apresentassem para o serviço ou não levassem o número pretendido de dependentes, perdiam o seu *timar*, que seria atribuído a outra pessoa. Ascendendo a entre 10.000 e 15.000 efetivos nas guerras de Murad I, a cavalaria de província *timariota* e o sistema *timar* tiveram um importante papel na transformação do exército otomano inicial, que se baseara originalmente em cavaleiros dos fronteiros turcos, num exército semipermanente sob o comando do sultão.

Pilares do Poder: o Recrutamento de Crianças e o Exército Permanente

Desde os primórdios que os regentes otomanos podiam contar com o seu contingente militar, conhecido por *kul* (literalmente «escravo» ou «criado») e *nöker* (companheiro, cliente, dependente). Estes foram os antecessores das tropas domésticas assalariadas do sultão, conhecidos por *kapukulu* — ou seja, «escravos/criados da cidade do sultão». Sob a alçada de Murad I, os cavaleiros das tropas domésticas, conhecidos também por *sipahis*, substituíram gradualmente a cavalaria de aldeões voluntários (*müsellem*; literalmente «isento»), enquanto os arqueiros de infantaria *azab* e os mais famosos janízaros ocuparam o lugar dos soldados de infantaria aldeões (*yaya*) dos primórdios do exército otomano. Os soldados *müsellem* e *yaya* tornaram-se forças auxiliares, incumbidas de transportar armas e munições e de construir estradas e pontes durante campanhas.⁷⁵

Organizados de forma idêntica aos janízaros e armados de arcos e sabres, os *azabs* de infantaria eram milícias de aldeões, originalmente constituídas por jovens solteiros (*azab*). Os seus equipamentos eram pagos por determinado número de famílias contribuintes. Os *azabs* eram tropas de qualidade inferior que podiam ser utilizadas como carne para canhão e que combatiam nas primeiras fileiras da formação de batalha otomana, enfrentando canhões e janízaros. Apesar de o seu número ser significativo mesmo em inícios do século XVI (cerca de 18.000 em 1514 e 10.000 em 1521), aos poucos, a infantaria de elite do sultão, conhecida por janízaros, substituiu-os.⁷⁶ Orhan ou Murad I criaram os contingentes de janízaros, cujo nome tem origem na palavra turca *yeniçeri*, ou «novas tropas». Sendo a guarda de escravos de elite do regente,

de início incluíam apenas umas poucas centenas de homens.⁷⁷ Os janízaros foram a primeira infantaria permanente na história da Europa a existir de forma ininterrupta durante séculos, precedendo formações de infantaria permanentes semelhantes na Europa ocidental em cerca de dois séculos.

Em batalha, a principal função dos janízaros era proteger o sultão. Formando um quadrado de várias filas e posicionados depois das forças irregulares, os janízaros envolviam-se no confronto apenas se o inimigo, depois de derrotar a cavalaria de província nas alas e os *azabs* da infantaria irregular antes deles, atingissem as suas fileiras e ameaçassem o sultão. Relatos de batalhas em meados do século xv, tais como Varna (1444) e Kosovo (1448), descrevem os janízaros como uma muralha intransponível, protegida por uma trincheira e um aterro na retaguarda, reforçado por espigões de ferro e grandes escudos. Os Otomanos colocavam os seus camelos carregados de bens preciosos e sacos de ouro atrás dos janízaros. Se o inimigo chegasse ao aterro, estes eram utilizados para distrair o inimigo e assim ganhar tempo. Num conflito com cerco, os janízaros desempenhavam um papel igualmente importante. Com ordens para escalar as muralhas das fortalezas inimigas durante os ataques, conseguiam romper com regularidade a resistência dos defensores, conduzindo à conquista da fortaleza.⁷⁸

De início, o sultão utilizava prisioneiros de guerra para criar a sua guarda militar independente. Na década de 1380, foi iniciado um recrutamento forçado de rapazes cristãos, conhecido por *devşirme*, ou «coleção», para recrutar soldados para o exército doméstico de escravos do sultão. A escravatura militar foi uma prática comum no mundo islâmico a partir do ano de 830, quando califas abássidas começaram a recrutar arqueiros montados que falavam turco na Ásia Central, predominantemente como soldados escravos (*ghulam*, *mamluk*). Apesar de serem apenas cerca de dois mil, os soldados escravos turcos do califa melhoraram bastante a rapidez, manobrabilidade e poder de fogo dos exércitos muçulmanos. Estes melhoramentos deveram-se à nova técnica militar dos soldados turcos (arqueiros montados) e táticas (simulação de bater em retirada), juntamente com as suas habilidades de cavalaria e resistência dos cavalos. Em pouco tempo, os soldados turcos dominaram a maioria dos exércitos muçulmanos. O «exército de escravos» otomano dos janízaros distinguia-se dos soldados escravos dos feudos islâmicos num importante aspeto. Ao contrário dos Abássidas e, mais tarde, dos Mamelucos da Síria e do Egito, que compravam os seus soldados escravos fora das terras do Islão, os sultões otomanos recrutavam os seus próprios súbditos cristãos, contradizendo a xaria ou lei islâmica.⁷⁹ É possível que os *devşirme* tenham tido origem nas fronteiras dos Balcãs, onde Evrenos Beg e os seus guerreiros

recolhiam «um quinto da pilhagem ou tributo em crianças» na Macedónia central na década de 1380 ou antes. Se assim foi, os sultões otomanos apenas seguiram o costume dos seus fronteiros.⁸⁰ Em 1395, Isidore Glabas, metropolitano de Tessalónica, lamentou «a apreensão de crianças por decreto do emir». Uma fonte italiana de 1397 alegou que os Otomanos recrutavam rapazes entre os 10 e os 12 anos para o seu exército. Ambas as fontes sugerem que, em finais dos anos de 1390, os governantes otomanos praticavam o recrutamento *devşirme* com regularidade.⁸¹

No âmbito do recrutamento *devşirme*, rapazes cristãos (de preferência com idades compreendidas entre os 12 e os 14 anos) eram recrutados com regularidade. Na década de 1490, a idade média dos rapazes recrutados era de 13,5 anos. Os oficiais recrutadores recolhiam um rapaz por cada 40 agregados familiares. O recrutamento era feito de forma aleatória no século xv e de forma mais regular no século xvi, quando guerras frequentes e prolongadas dizimaram as fileiras dos janízaros. Os registos com o número de rapazes recrutados variavam entre apenas 1000 e até 12.000 por campanha. Este último número é um exagero. A quantidade de aprendizes janízaros registada nas folhas de vencimento e livros de contas do fisco otomanos nas décadas de 1510 e 1520 cifrava-se na ordem dos três mil, ultrapassando os sete mil apenas na década de 1560. Leis abrangentes regiam o recrutamento de rapazes com base no respetivo estatuto social e condição física e psicológica. Estes regulamentos são registados nas *Leis dos Janízaros*, redigidas em 1606 por um antigo janízaro, que descrevem as práticas iniciais e as modificações que ocorreram até inícios do século xvii. Os oficiais responsáveis pelo recrutamento dos rapazes não podiam levar o único filho de um agregado familiar, pois o chefe de família precisava da sua ajuda para cultivar as suas terras e pagar impostos ao soldado de cavalaria de província *timariota*. Do mesmo modo, não deveriam levar os filhos de anciões das aldeias, «pois eles eram desprezíveis, tal como o eram os seus filhos»; os filhos de pastores e vaqueiros, «pois tinham sido criados nas montanhas, pelo que eram incultos»; os filhos de artesãos, pois não cumpriam as suas obrigações para receberem o soldo; e rapazes casados, pois os seus «olhos tinham sido abertos e esses não seriam escravos (*kul*) do exército doméstico do padixá». Também se excluía do recrutamento crianças órfãs e aqueles que falavam turco ou eram circuncidados (pois poderiam ter sido turcos e muçulmanos — ou seja, pessoas originalmente excluídas do exército doméstico do sultão); aqueles que eram altos ou baixos de mais (eram considerados estúpidos e arruaceiros, respetivamente); e aqueles que tinham visitado Constantinopla, mas haviam regressado à respetiva província («pois eram indignos»). Os turcos eram excluídos do recrutamento para

evitar situações em que os familiares exigiram isenções fiscais, privilégio de que beneficiavam os elementos do exército doméstico do sultão. Certos grupos étnicos, como os Húngaros e os Croatas para lá de Belgrado, ou cristãos residentes em regiões entre Caramânia e Erzurum, também eram excluídos do recrutamento. Os Húngaros e os Croatas eram considerados indignos de confiança, enquanto os que pertenciam ao segundo grupo eram suspeitos por viverem entre Georgianos, Turcomanos e Curdos.⁸² Os administradores otomanos compilavam duas cópias de um registo detalhado para cada grupo de 100 a 200 rapazes, denominado «o bando». Os registos discriminavam o nome do rapaz, o nome do respetivo progenitor, o do seu *sipahi* e da sua aldeia. Além disso, incluíam uma descrição física do rapaz.⁸³ Depois, o «bando» ia a pé até à capital. Muitos sucumbiam durante a longa viagem de centenas de quilómetros, enquanto outros fugiam. Outros ainda escapavam ao recrutamento, pois as suas famílias subornavam os oficiais de recrutamento. Não obstante a crueldade do sistema, fontes otomanas e europeias indicam que algumas famílias cristãs ofereceram os seus rapazes como voluntários, «que se juntam ao bando para desfrutar da honra e do privilégio imaginários de um *turco*»,⁸⁴ pois o recrutamento proporcionava-lhes oportunidades de ascensão social.

Os que chegavam à capital do império eram inspecionados, convertidos ao islamismo e circuncidados. Os mais inteligentes eram selecionados para educação na Escola do Palácio ou para prestar serviço nos jardins do padixá. Outros eram dados a dignitários otomanos. Os que eram selecionados para a Escola do Palácio eram os mais felizardos. Eram bem tratados e recebiam a melhor educação da época. A seu tempo, estes rapazes poderiam chegar aos cargos mais elevados do império. Contudo, a maioria dos rapazes recrutados eram alugados a agricultores turcos durante sete a oito anos. Durante esse período, ficavam «habituaados a privações» e aprendiam os rudimentos da língua turca e dos costumes islâmicos. Todos os rapazes eram «entregues com indicação do nome e registados num livro» de modo a que o padixá os «pudesse recuperar» quando houvesse vagas nas corporações de janízaros. Representantes governamentais inspecionavam os rapazes todos os anos e, no século XVI, cobravam uma «taxa de inspeção» de 80 *akçe* às famílias em cujas quintas o rapaz estivesse a trabalhar. Ao fim de sete ou oito anos de trabalho árduo nos campos, os rapazes eram convocados de novo à capital otomana e a Gallipoli. Ali, juntavam-se às fileiras de aprendizes janízaros e viviam nas suas casernas sujeitos a rigorosa disciplina militar. Além disso, eram mão de obra barata para a construção pública. Outros trabalhavam nos jardins imperiais ou nos estaleiros como ferreiros, calafates, carpinteiros, fabricantes de

remos, etc. Porém, outros iniciavam a aprendizagem na Fundação Imperial de Canhões ou no Arsenal Naval Imperial. Apenas após vários anos a prestar estes serviços é que os aprendizes se tornavam janízaros ou preenchiam vagas nas corporações de artilheiros, manobreadores de carretas de artilharia, alforges e bombardeiros.⁸⁵

Para manter registos das receitas, prebendas militares e tropas (cavaleiros *timariotas* e soldados estipendiários da casa do sultão), os Otomanos instituíram um sistema de vigilância burocrático através de vistorias de cadastros, registos de *timares* e folhas salariais. No início do século xv tinha surgido um leque de instituições e mecanismos burocráticos para mobilizar recursos e tropas, bem como administrar territórios conquistados. Os beneficiários destas instituições tinham interesses pessoais na restauração do poder da Casa de Osmã após o fiasco de Ancara. Enquanto os apoiantes do futuro sultão Maomé I, vencedor das guerras de sucessão de 1402–1413, foram os que mais lucraram, aqueles que aceitaram a sua autoridade posteriormente e se mostraram preparados para o servir também beneficiaram. Os sistemas de *timar* e *devşirme-kul* otomanos reforçaram a posição do regente otomano em relação aos fronteiros e ajudaram a consolidar o domínio da Casa de Osmã depois do fiasco de Ancara...